

O Diário de Ety Hillesum 1941-1942

Uma leitura dos mecanismos de defesa

Nélio Pita

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Maria Antónia Carreiras

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Maria Antónia Carreiras

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Clínica

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Antónia Carreiras, apresentado no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006

«Pode ser que o caminho para a verdadeira liberdade passe pela psicologia, uma pessoa nunca deve deixar de reflectir suficientemente sobre isso...»

(Diário, 23 de Novembro de 1941)

«Agora, só estamos eu e Deus. Não há mais ninguém que me posso ajudar. Tenho responsabilidades, mas ainda não meti completamente ambos os ombros debaixo delas.

Ainda brinco muito e sou indisciplinada. Não me dá nada a sensação de empobrecimento, antes uma sensação de riqueza e tranquilidade: agora só estamos eu e

Deus. Boa noite».

(Diário, 4 de Outubro de 1942).

Agradecimentos

À professora doutora Maria Antónia Carreiras pelo estímulo gratuito, pelas pistas sugestivas, por ter caminhado, pacientemente, ao longo deste tempo, propondo alternativas. Pela disponibilidade enriquecedora.

Aos amigos que partilham a paixão por Etty Hillesum: Tolentino Mendonça e Maria da Anunciação.

Aos meus pais.

Resumo

O trabalho tem por objectivo analisar o Diário (1941-1942) da jovem judia, Etty Hillesum, que morreu em Auschwitz, em Novembro de 1943. Inserida num ambiente apocalíptico, Etty deixa transparecer as tensões do seu mundo numa linguagem considerada profunda e rica, mas cujo estudo psicológico está ainda por fazer.

A fluidez do texto em estudo é, por si, reveladora de uma espontaneidade própria de um Diário. O pensamento passa directamente para o papel sem estar demasiado condicionado pela censura de um apertado filtro (o Superego) reflectindo, por isso, com notável sinceridade, aspectos íntimos da autora, as suas dúvidas e análises, os seus propósitos e ideais, os seus conflitos e receios. Reflecte a imagem de si e de outros, sua labilidade emocional e, sobretudo, a evolução psicológica na fase última de vida. Deste modo, a leitura do Diário permite-nos aceder à realidade subjectiva da autora. Entre outros aspectos, procuramos compreender a função da escrita, como arma e forma de resistência contra o horror que a rodeava. Por outro lado, tentamos perceber as motivações inconscientes daquela que rejeitou desempenhar o papel de vítima. Com que atitude enfrentou uma «situação extrema», situação que não escolheu, mas da qual também não procurou escapar?

Partindo de pressupostos teóricos do modelo psicanalítico e recorrendo a um método de análise qualitativa, o trabalho centra-se, fundamentalmente, na compreensão dos mecanismos defensivos subjacentes à forma peculiar de actuar daquela que é um testemunho vivo de umas das maiores tragédias da nossa história.

Palavras-chave:

«Etty Hillesum», «mecanismos de defesa», «Holocausto», «Deus», «literatura».

Résumé

This work tries to analyze the Diary (1941-1942) written by the young Jewish woman, Etty Hillesum, who died in Auschwitz in November 1943. Immersed in an apocalyptic environment, Etty shows the tensions of her world in a language both rich and profound. But its psychological study has yet to be made.

The fluidity of the text is enough to reveal a spontaneity pertaining to a Diary. The ideas flow and appear in the paper without being submitted to a tight filter (Superego) showing with remarkable sincerity the inner world of the author, her doubts and her analysis, her aims and her ideals, her conflicts and fear. It reflects her and other people images, her emotional liability and chiefly her psychological evolution in the last phase of her life. Therefore, by reading the Diary we become capable of understanding the subjective reality of the author. Among other aspects, we try to understand the role of writing as a weapon or a means of resisting the horror surrounding her. On the other hand, we try to understand the subconscious motivations of someone who rejected the role of victim. How did she face an «extreme situation» she didn't choose but one she didn't try to flee from?

Based on the theoretical psychoanalytic models and using the qualitative methodology, the work try to define the defensive mechanism underlying the peculiar way of a woman who is a living witness of one of the most tragic events in our history.

Kye-words:

«Etty Hillesum», «defensive mechanism», «Holocaust», «God», «literature».

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I - MECANISMOS DE DEFESA E «SITUAÇÕES EXTREMAS».....	5
1.1 A noção de Pulsão	5
1.2 Princípio da Constância	6
1.3 As defesas na obra de Freud	7
1.4 Problemática	10
1.5 Estruturas e mecanismos de defesa.....	14
2.«Situações extremas» e defesas	16
2 - ETTY, UM PERCUSO.....	22
2.1 Núcleo familiar	22
2.2 Julius Spier.....	24
2.2. Contexto	26
2. Ety através do Diário.....	27
Primeiro Caderno: De 8 de Março a 4 de Julho de 1941.	28
Segundo caderno: De 4 de Agosto a 21 de Outubro de 1941.....	31
Terceiro Caderno – De 21 de Outubro a 6 de Dezembro de 1941.....	35
Quarto Caderno – De 8 de Dezembro a 24 de Janeiro de 1942.....	40
Quinto Caderno – De 16 de Fevereiro a 27 de Março de 1942.	42
Sexto Caderno – De 27 de Março a 30 de Abril	43
Oitavo Caderno – De 18 de Maio a 5 de Junho de 1942.....	46
Nono Caderno – 5 de Junho a 3 de Julho de 1942.....	47
Décimo Caderno – De 3 a 29 de Julho de 1942.....	50
Décimo primeiro Caderno: De 15 Setembro a 13 de Outubro de 1942	53
3 – MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA EM ETTY	55
1. Sublimação	55
1.1 «Torna-me teu instrumento, faz-me escrever».....	57
2. Identificação e denegação.....	59
2.1 A vida é bela?	65
3. Idealização e identificação: Deus para quê?	66

3.1 Deus, seio bom	68
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

INTRODUÇÃO

Há em cada ser humano um desejo inato de viver situações agradáveis e de escapar a todas aquelas que, de alguma forma, acarretam sofrimento. Como se cada célula do nosso ser reclamasse o direito a uma vida preta de sentido, o homem tende a escolher caminhos mais fáceis e apazíveis, evitando as veredas estreitas e perigosas. As ciências humanas, em particular a psicologia como ciência que se ocupa da “alma”, procura, por um lado, compreender as razões que levam os homens a optar por determinados rumos e, por outro, aceder à experiência subjectiva daquele que caminha. Sabemos que esses caminhos são únicos, como únicas são as pessoas. Estranhamos, no entanto, a opção daqueles e daquelas que, contrariando a mais elementar lei da sobrevivência, avançam por atalhos que abreviam o percurso existencial, obedecendo a uma espécie de «pulsão de morte».

O presente trabalho tem como objectivo geral estudar os mecanismos de defesa a partir do Diário de Etty Hillesum, uma judia que morreu em Auschwitz, em 1943, deixando ao leitor mais de um milhar de páginas nas quais descreveu entre 1941 e 1942, com beleza e singularidade, aspectos do seu mundo interno e externo. Entre a multiplicidade de interpelações que um texto desta natureza suscita, deparamo-nos com uma em particular: sendo judia, ela quis associar-se ao destino trágico do seu povo. Quando a grande maioria dos perseguidos tentava livrar-se, fugir para bem longe, para lugares seguros onde a mão assassina não chegasse, Etty parece remar contra a corrente. Deixou-se “engolir” pela máquina de matar, mas sem ceder nos seus ideais, numa atitude desafiadora, própria de quem permanece imune a toda a maldade que a rodeava. Em Setembro e Outubro de 1942, por exemplo, durante o período de convalescência em Amesterdão, desejou regressar a Westerbork – campo de passagem para outros campos de extermínio – onde trabalhava como voluntária no Conselho Judaico. No fim da tarde, no dia 2 de Outubro de 1942, escreve sobre a possibilidade de ficar «dispensada» de regressar: «Não quero absolutamente nada ficar na posse desses papéis pelos quais os judeus travam lutas de morte uns com os outros (...). Gostaria de estar em todos os campos da Europa, estar em todas as frentes, eu não quero “estar a salvo”, por assim dizer. Quero estar presente, quero confraternizar em cada local onde estou, entre os chamados inimigos. Quero compreender o que está a acontecer...» (Diário, 2/10/1942).

Como compreender a atitude de Etty?

No filme «A vida é bela» de Roberto Benigni (1997), Guido é levado com o filho Josué para um campo de concentração. Angustiado com as duras condições e consciente do futuro que se avizinha, o pai procura iludir o filho através de uma brincadeira: a sua ida e permanência naquele lugar terrível é apenas um jogo. As regras da dura diversão, por mais difíceis e cruéis, deveriam ser cumpridas escrupulosamente, de contrário, perderiam pontos ou seriam expulsos da competição, deixando para outros o prometido prémio. Josué, apesar de hesitar, participa na brincadeira e vive a fantasia de um pai desesperado, uma neo-realidade que lhe salva a vida. O miúdo de 5 anos compromete-se com uma história fantástica, uma história que enche de sentido os dias marcados pela fome, pelo suspeito e pelo tédio. Uma história que o salvou...

Qual foi a história que Etty contou a si mesma para que pudesse enfrentar a morte não tanto como uma vítima, mas mais como uma heroína que, deliberadamente, assumiu um “destino fatal” como um protesto silencioso contra os seus opressores? Qual foi a fantasia que a animou? Quais foram os mecanismos psicológicos subjacentes a este modo peculiar de enfrentar esta «situação extrema»?

Na introdução à versão espanhola das Cartas, Gaarlandt sublinha que os textos de Etty são de «estilo literário de grande valor e de um conteúdo de grande profundidade» (Gaarlandt 1994, p. VII) mas, no entanto, permanecem desconhecidos para a grande maioria dos leitores (Smelik, 2001). Nos últimos anos, porém, logo após a primeira publicação na década de 80, na sua terra natal, Holanda, têm surgido alguns estudos que, de diferentes perspectivas, fazem uma abordagem ao testemunho de Etty (Evans, 2001; Lebeau, 2000; Neiman, 2001; Walton, 2005; Whitehead, 2001). Infelizmente, na pesquisa feita não encontramos nenhum estudo que aborde os textos de uma perspectiva psicológica. O presente trabalho é uma tentativa de suprir essa falha. O objectivo é fazer uma análise dos procedimentos defensivos da jovem condenada, a partir do que ela própria escreveu, um longo Diário dividido em 11 cadernos, 10 dos quais chegaram até nós, num total de 1281 páginas (cf. Carta n. 14). O Diário, na medida em que foi escrito numa espécie de “associação livre”, oferece-nos a possibilidade de levantar hipóteses e fazer inferências sobre o mundo interno da autora. A recorrência temática, os conflitos explícitos ou implícitos, os lapsos, as defesas, os ideais que motivaram uma forma peculiar de actuar, são aspectos reveladores de um “conteúdo de mente” que podemos deduzir tendo em conta um modelo teórico referencial. De facto, qualquer texto é apresentado ao leitor como um acontecimento susceptível de ser interpretado de diferentes formas. A história que o escritor conta remete para a história do leitor que, uma vez determinado pelas vivências

personais, pelo contexto onde se insere e pelo modelo teórico de referência, pode dar um sentido único ao texto, por vezes até distante do sentido original proposto pelo autor. O processo interpretativo é como que um jogo no qual participam dois intervenientes, o autor e o leitor. Por isso, não será de estranhar que encontremos leituras ou visões diversas, por vezes até contraditórias, da mesma realidade: o que um, o criador, nos oferece é recebido pelo outro, o leitor, que acolhe e interpreta segundo um modelo conceptual mais ou menos consciente. Mas será legítimo procurar a intenção primeira e original do texto? Será possível, tendo em conta uma metodologia rigorosa, aceder às razões de fundo, às motivações, ao sentido original daquele que se expõe através da criação?

No sentido etimológico, a palavra texto remete-nos para alguns significados como “tecido”, “textura”, “tecelagem”, “trama”. Como o próprio nome indica, esse “tecido” é constituído por uma rede múltipla de fios que se entrelaçam a ponto de confundir o observador. Procurar o sentido do texto pode ser, por isso, assumir o papel de um espião ou de um detective que, persistentemente, averigua as mãos que escolheram tais fios e deram origem a tal textura. Esse é o trabalho do investigador: analisar as motivações, as condições de produção, que originaram tal “trama”.

A psicanálise, como método que investiga os processos mentais (Laplanche, & Pontalis, 1967/1970, p. 495), desde muito cedo teve a pretensão de conhecer o que está para além do texto através da análise do conteúdo. Desde Freud até à actualidade, vários autores se debruçaram sobre obras literárias com intuito de descortinar as razões subjacentes à criação artística (veja-se, por exemplo, Bettelheim, 1975/1991; Bastos & Soczka, 1978; Luzes, 1978; Malpique, 2007; Ramzy, & Shevrin, 1976). No nosso caso, não temos a pretensão de abarcar a totalidade das razões que moveram Etty a escrever. Para ela a escrita é, em si mesma, uma forma de defesa e de cura, meio de satisfação de uma pulsão de vida ameaçada pelos vários sinais de pulsão de morte. O propósito da nossa análise, para além de estudar as virtualidades da escrita como acto isolado, é também acompanhar o trajecto existencial da jovem escritora, destacando os mecanismos de defesa, isto é, o conjunto de operações mentais inconscientes que favoreceram um tipo de discurso que continua a interpelar o leitor, pelo modo inusitado de fazer face às ameaças internas e externas.

No nosso trabalho, para alcançarmos o objectivo proposto, recorreremos às técnicas de análise documental e de análise de conteúdo (Bardin, 1977/1979; Vala, 1986). Definido o objectivo e o Corpus a analisar, num primeiro momento serão apresentados os pressupostos teóricos da psicanálise clássica – em especial do Corpus freudiano – princípios através dos

quais será feita uma análise temática, isto é, uma leitura selectiva no intuito de destacar partes do texto que melhor exemplificam as causas e o “*modus operandi*” dos mecanismos defensivos. Recorreremos, pontualmente, às técnicas de análise de conteúdo para uma interpretação mais exaustiva de alguns excertos em particular. Assim, este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro apresentamos os fundamentos teóricos das categorias em análise. Desde as origens da psicanálise que encontramos a noção de “mecanismos de defesa”, meios operacionais através dos quais o sujeito lida com a realidade externa e, ao mesmo tempo, atenua a angústia emergente de um conflito interno. Daremos conta do debate em torno deste conceito e analisaremos, sucintamente, as vivências daqueles que estiveram sujeitos a «situações extremas». No segundo capítulo, partindo de uma visão diacrónica e descritiva, apresentamos uma visão geral de todo o Diário. Salientamos, em especial, as várias operações defensivas, as “armas” que garantiram uma certa imunidade psíquica à autora, meios através dos quais ela enfrentou a realidade violenta com um ânimo desconcertante. Finalmente, no último capítulo, analisamos mais exaustivamente as principais defesas da autora, apresentando algumas hipóteses explicativas para um comportamento desafiador da própria morte.

Se a história nas suas cíclicas repetições, oferece a cada homem a chave de leitura de problemas futuros, descobrir e conhecer Etty, pode ser um argumento contra a repetição trágica dos erros que ensombraram com o espectro da morte o nosso passado recente.

I - MECANISMOS DE DEFESA E «SITUAÇÕES EXTREMAS»

A expressão «mecanismos de defesa» é uma metáfora importada do mundo militar que evoca, quase de forma espontânea, o seu antónimo, o ataque. Pensar em defesas é estar consciente de um perigo eminente e, de certo modo, prever o ataque. O conjunto de processos defensivos que, na teoria psicanalítica, foram sendo identificados e aprofundados, sugere que a nossa sobrevivência psíquica depende deles. Mas qual é o “inimigo” que constantemente pode pôr em perigo a estabilidade do que eu sou? Qual é a função da defesa? Qual é o seu agente?

Para melhor compreendermos o papel das defesas no puzzle geral da teoria psicanalítica, parece-nos importante referir, num primeiro momento, mesmo que sumariamente, algumas noções teóricas fundamentais. Teremos como referência principal, pela sua importância como precursor, o contributo de S. Freud na matéria em causa.

1.1 A noção de Pulsão

O conceito de «pulsão» (*trieb*) é, na perspectiva de Freud, o ponto de partida para a compreensão de todo o edifício que é a psicanálise. É o conceito fundamental da construção metapsicológica à luz do qual podemos entender noções como defesa e inconsciente. O conceito é definido em termos genéricos por Laplanche e Pontalis (1970) como o «processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, factor de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo» (*op. cit.*, p. 506). Na abordagem do autor «*Pulsões e destino das pulsões*» (1915, p. 127-129) devem distinguir-se quatro parâmetros:

1. a *pressão ou a força*, isto é, o aspecto motor, a soma de força ou a quantidade de exigência de trabalho que ela representa;
2. o *alvo ou a meta*, lugar onde se dá a supressão do estado de excitação na fonte pulsional;
3. *objecto*, aquilo através do qual a pulsão atinge o seu fim;
4. a *fonte*, ou seja, todo o processo somático dum órgão ou de uma parte do corpo cuja excitação é representada na vida psíquica pela pulsão. Simplificando, poderíamos dizer que a energia tem a sua origem no organismo do sujeito e tende naturalmente para a descarga feita através de um objecto quando atinge o alvo ou a meta.

Com o decorrer do tempo e a obtenção de mais evidência clínica, Freud alterou a visão conceptual da noção de pulsão. O dualismo pulsional permaneceu apesar do acento dessa energia ter sido alterado. J. Boulanger (1972/2004) sintetiza esta evolução em três fases: a primeira caracteriza-se pelo dualismo entre pulsões sexuais e pulsões do Ego e de auto-conservação; a segunda é assinalada pela introdução do narcisismo na teoria das pulsões; a terceira estabelece a oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Não sendo o objectivo da presente dissertação apresentar as várias nuances da evolução teórica do pensamento de Freud, importa-nos apenas sublinhar que a pulsão ou energia libidinal pode sofrer diferentes destinos no decurso da sua evolução. No supra-citado texto de 1915, Freud sublinha que a pulsão (*trieb*) pode passar por diferentes vicissitudes como, por exemplo, uma «reversão» ou «um retorno sobre a própria pessoa» ou, ainda, ser «sublimada». Note-se também que essa energia pulsional pode pôr em causa o “princípio da constância”, de que falaremos a seguir. Quanto às situações externas, por vezes é possível a fuga, mas no caso das pulsões internas, portadoras de um excesso de excitação, nem sempre é possível o sujeito livrar-se delas.

1.2 Princípio da Constância

Pela mesma altura em que, juntamente com J. Breuer, discorre sobre a etiologia da neurose, a par da noção de conflito intra-psíquico, Freud desenvolve o conceito “princípio de constância”. Segundo este princípio «o aparelho psíquico tende a manter a um nível tão baixo ou, pelo menos tão constante quanto possível, a quantidade de excitação que contém. A constância é obtida, por um lado, pela descarga da energia já presente, por outro lado, pelo evitamento daquilo que poderia aumentar a quantidade de excitação e a defesa contra esse aumento» (Freud 1894, citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 70)¹. O recalçamento surge quando essa energia livre (*Q*) se liga a uma representação mental ou a uma realidade exterior que põe em causa a estabilidade do Ego. À luz destes princípios, num primeiro momento, Freud defendeu que a acumulação de grandes quantidades de energia pelo recalçamento pode transformar-se em angústia. A angústia surge como consequência do

¹ Parece-nos que este princípio pode ser associado a um outro, presente nas ciências exactas, apresentado em 1895, por ocasião do projecto de uma Psicologia Científica, mas posteriormente abandonado: o “princípio da inércia”. Este princípio defende que os neurónios tendem a evacuar as quantidades de energia (*Q*) (cf. Pontalis, 1970, p. 462).

recalcamento, isto é, ela nasce da impossibilidade da energia se ligar a uma representação interdita pelos mecanismos de defesa do Ego, o recalcamento. A quantidade de energia (o “*quantum*” de afectos pulsionais) reprimida pelo interdito transformar-se-ia em «angústia automática». Na origem da neurose estaria esse conflito intra-psíquico que opõe uma representação e o interdito desencadeado pela acção defensiva do Ego. É neste âmbito que se situa a angústia neurótica, resultante da defesa, em especial o recalcamento. Os sintomas das diversas manifestações da neurose advêm, assim, da presença dos mecanismos inconscientes de defesa que procuram recalcar uma ideia incompatível com a estabilidade do Ego.

Esta perspectiva de uma “angústia automática” será alterada em 1926 com a publicação de *Inibições, Sintomas e Angústia*. A nova perspectiva refere-se ao recalcamento não como origem da angústia, mas sim como sua consequência. Ocorre quando uma representação pulsional se torna intolerável favorecendo o desenvolvimento da angústia ao nível do Ego. Os autores referem que este tipo de angústia surge como um «sinal». Ela «tem a finalidade de advertência, pelo Ego, de uma situação de perigo antiga, em função de uma exigência pulsional nova» (Chabert, 1997/2003, p. 207). Neste caso, sublinha C. Chabert «a angústia constitui uma manifestação do Ego para ordenar a utilização de operações contra as pulsões que emanam do Id ou dos seus representantes». (*op. cit.*, p. 207)

Para o nosso estudo importa sublinhar, como Mijolla & Mijolla-Mellor, (1999/2002) que «quaisquer que sejam a sua origem e modalidades, a angústia é experimentada ao nível do Ego. É contra ela que o Ego vai pôr em acção toda uma série de mecanismos de defesa (mecanismos de defesa do Ego) que Freud isolou e dos quais o sujeito normalmente dispõe de maneira flexível e adaptada. Estes mecanismos são eficazes se assegurarem um bom controlo da angústia» (*op. cit.*, p. 361). Vejamos mais detalhadamente a sua evolução na obra de Freud.

1.3 As defesas na obra de Freud

O termo “defesa” aparece pela primeira vez nos trabalhos de Freud, em 1894, no artigo intitulado «As psiconeuroses de defesa». No texto apresentado, Freud distancia-se das concepções de Janet que defende a existência de uma clivagem, com “traço primário” da histeria, e de J. Breuer na sua apreciação dos “estados hipnóides”, como fundamento e condição da histeria. Freud postula então uma histeria de defesa característica de uma “histeria adquirida” observada em indivíduos aos quais sobrevêm na “vida de representação”

uma «experiência vivida, uma representação, sensação que despertou um afecto tão penoso que a pessoa decidiu esquecer isso, pois não se achava com força suficiente para resolver pelo trabalho do pensamento a contradição entre essa representação e o seu Ego» (Freud, 1894, citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 69). Mais ainda: o resultado das pesquisas aos pacientes histéricos levam-no a concluir que na origem dos sintomas de doença estava uma experiência de teor sexual numa fase prematura em que o sujeito era incapaz de lidar com essa realidade possibilitando o reaparecimento, posteriormente, de tais representações no “aparelho mental” em virtude do traço mnésico. O “conflito psíquico” surge, assim, como inevitável: entre as pulsões e o recalçamento, entre o desejo e o interdito, entre as diferentes instâncias do aparelho psíquico.

Como já vimos, a energia recalçada sofre diferentes vicissitudes. No caso dos pacientes histéricos, verificou-se que a energia libidinal recalçada tendia a transformar-se ou converter-se em «inversão somática», isto é, em sintomas somáticos. Como sublinha J. Boulanger (1972/2004), a conversão implica «uma separação da carga energética da representação. Esta é recalçada enquanto a energia libidinal é “transferida” para o corpo» (*op. cit.*, p. 67). Mas a inibição da descarga livre pelo recalçamento encontra ainda outro caminho, para além da somatização (histeria). Esse “*quantum de energia*” pode ainda ser transformada em produção simbólica, como ocorre no caso da neurose obsessiva.

Notamos na leitura atenta dos primeiros textos de Freud que as defesas têm quase sempre uma conotação patológica e raramente são apresentadas como sendo meios saudáveis de adaptação a uma nova realidade. Freud centrava-se, então, nos sintomas como linguagem capaz de verbalizar o mal-estar dos doentes, mas cuja causa se poderiam encontrar onde menos se esperava, nos primórdios da existência de um indivíduo, na vivência de algo incompreensível (a «cena primitiva»), uma experiência traumática cuja imagem tinha sido forçosamente apagada da memória, mas cujo afecto tinha sido deslocado para uma realidade presente.

Na evolução do pensamento de Freud, os mecanismos de defesa alcançariam um outro estatuto, já em 1901. Pela primeira vez concebe uma classe especial de mecanismos de defesa que transformavam a libido não em sinais de mal-estar típicos da neurose, mas em cultura e virtude. Através da sublimação, há um desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais para novas metas, as realizações culturais (Freud, 1901/2003). Estava aberto o caminho para

apreciação dos mecanismos de defesa como meios através dos quais, de forma saudável, o Ego gere a energia libidinal.

Quatro anos depois, em 1905, numa pequena obra, «*Os chistes e a sua relação com o inconsciente*», Freud diferencia sete mecanismos de defesa: o humor, a distorção, o deslocamento, o recalçamento, a supressão, a fantasia e o isolamento. «O dito espirituoso permite a satisfação de um instinto (o lúbrico e o hostil) apesar de um obstáculo que lhe barra o caminho; ele rodeia esse obstáculo e retira assim prazer dessa fonte de prazer, fonte que o obstáculo lhe tinha tornado inacessível» (Freud, 1905, citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 238). Assim, o humor, a piada, pode ser um mecanismo de defesa pois, por um lado, pelo jogo de palavras e de sentidos, ilude as restrições de um Superego e, por outro, põe de lado as exigências da realidade em benefício do “princípio do prazer”.

A expressão “mecanismo de defesa” surge de novo, em 1915, num artigo dedicado ao inconsciente para designar, por um lado, o conjunto dos processos defensivos (em todos os tipos de neurose) e, por outro, na já citada obra de 1915, *Pulsões e destino das pulsões*, a expressão é evocada para se referir às várias formas de evolução de uma pulsão.

Pouco depois, o termo «defesa» (*abwehr*) perde a centralidade nos textos do autor, aparecendo apenas esporadicamente para designar o conjunto do processo defensivo característico de tal neurose ou para conhecer a utilização defensiva deste ou daquele destino pulsional. Em seu lugar, a noção «recalçamento» aparece como a operação defensiva por excelência. A teoria do recalçamento torna-se «a pedra-angular sobre a qual todo o edifício da psicanálise assenta» (Freud, 1914). Assim, na obra de Freud, o recalçamento assume a primazia e a exclusividade da função defensiva. Num artigo sobre o tema, Brenner (1957) divide em quatro períodos a evolução do conceito no pensamento freudiano. Já C. Le Guen (1992, citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 222) também faz um relato descritivo da evolução do conceito, desde 1895 até 1939, sendo que, na fase final, sublinha este autor, o recalçamento se tornaria um mecanismo de defesa como os outros.

O termo defesa, pouco utilizado por Freud depois de 1915, foi de novo retomado em 1926 com a publicação de *Inibição, Sintomas e Angústia*, após a instrução de uma nova dualidade pulsional (1920) e da segunda tópica (1923). Justifica o autor no texto de 1926: «o que aprendemos é suficiente para justificar a reintrodução do velho conceito de defesa, permitindo englobar todos estes processos que manifestam uma mesma tendência para a

protecção do Ego contra as exigências pulsionais e para justificar a subsumção do recalçamento sob este conceito como caso particular» (cf. Freud, 1926, p. 158-159).

Assim, em vez de o colocar unicamente na rubrica do recalçamento o conjunto de operações defensivas, a expressão «mecanismos de defesa» passou, desde então, a designar para Freud todas as técnicas de que o Ego se serve nos seus conflitos. No mesmo texto, Freud postula ainda a hipótese que G. Vaillant (1992) considera umas das mais importantes questões da psicologia do Ego que continua por responder: a ontogénese dos mecanismos de defesa do Ego: «poderá ser que antes da separação entre Ego e Id e antes da formação do Superego, o aparelho psíquico utilize métodos de defesa diferentes dos que utilizaria quando estão estabelecidas estas fases de organização» (cf. Freud, 1926, p. 159). Esta hipótese é já reveladora da complexidade do tema que ainda hoje persiste, como seguidamente damos conta.

1.4 Problemática

A. Freud (1936/1966) no livro sobre esta temática, apresenta a defesa como uma actividade do Ego destinada a proteger o sujeito dos ataques pulsionais do Id, bem como de tudo o que possa despoletar o aparecimento da angústia, tais como as exigências do Superego e a realidade externa. Esta autora propõe dez mecanismos de defesa: o recalçamento, a regressão, as formações reactivas, o isolamento, a anulação retroactiva, a introjecção, a identificação, a projecção, o retorno contra si e a reversão no contrário e, por fim, a sublimação. A autora não inclui, por exemplo, mecanismos como a recusa e a clivagem o que suscita o espanto de Mijolla & Mijolla-Mellor (1999/2002, p. 226).

Se, em termos gerais, os mecanismos de defesa são entendidos como o conjunto de operações cuja finalidade seria reduzir e até suprimir qualquer modificação susceptível de pôr em perigo a integridade e a constância do indivíduo “biopsicológico”, há também que sublinhar a complexidade do tema quando necessitamos de o aprofundar. Por exemplo, quando é que a defesa deixa de ser normal e esperada e se torna patológica? Fará sentido incluir dentro do mesmo rótulo conceitos verdadeiramente operacionais, mas tão diversos como a racionalização e a identificação? Com que critério as devemos classificar? A

utilização destes mecanismos pressupõe sempre a existência de um Ego organizado que seja seu suporte?

J. Laplanche e J-B. Pontalis (1967/1970) definem o conceito como sendo «os diversos tipos de operações em que se pode especificar a defesa. Os mecanismos predominantes são diferentes consoante o tipo de afecção que se considere, a etapa genética, o grau de elaboração do conflito defensivo, etc» (cf. *op. cit.*, p. 357). Os mesmos autores acrescentam ainda que existe um consenso referente à aceitação dos mecanismos de defesa como meios utilizados pelo Ego, contudo, persiste a questão teórica acerca da necessidade da existência de um Ego organizado que seja o seu suporte. Mas o debate sobre o tema não se esgota nesta questão. R. Wallerstein (1967), por exemplo, faz uma abordagem na qual defende a hierarquização dos vários mecanismos, uma hierarquização cujo extremo da imaturidade seriam as fases iniciais do desenvolvimento da criança, etapas em que predominam as defesas arcaicas como a projecção/introjecção, defesas que são superadas gradualmente, alcançando, num outro extremo, na maturidade do desenvolvimento, outro tipo de defesas mais próximas da realidade, cuja finalidade seria adaptação ao meio social – como por exemplo, a racionalização, a formação reactiva, a intelectualização e a sublimação (cf. Wallerstein, 1967, p. 134). Na mesma linha de pensamento, A. Freud disserta sobre a possibilidade de classificar as defesas do ponto de vista cronológico: «as defesas têm a sua própria cronologia (...) elas são mais susceptíveis de suscitarem resultados patológicos se estiverem em acção antes do tempo apropriado ou, ainda, permanecerem muito para além desse tempo. O exemplo é a denegação e a projecção, tidas como normais na fase inicial da criança, mas patológicas nos anos posteriores; ao contrário, a racionalização e a reacção formativa bloqueiam a personalidade da criança quando utilizadas muito cedo» (cf. Freud, A. 1965, p. 177). Mesmo assim, anteriormente, na obra já mencionada – *O Eu e os mecanismos de defesa* (1936/1973) – a autora parece levantar algumas dúvidas à tese da classificação das defesas do ponto de vista cronológico. Esse tipo de categorização supõe, na opinião da autora, a clarificação de outras interrogações para as quais, na altura, não havia acordo (a introjecção e projecção, por exemplo, são mecanismos que pressupõem a capacidade de Ego se diferenciar do mundo?). Em vez disso, A. Freud «propõe o estudo detalhado das situações que reclamam a intervenção de reacções defensivas» (1936/1966, p. 53). No mesmo sentido, alguns anos mais tarde, ouvimo-la dizer em resposta a J. Sandler, quando interrogada sobre a pertinência de uma visão detalhada sobre as defesas: «é preciso olhar para os mecanismos de defesa macroscopicamente (...) assim, encontraremos cinco ou seis defesas contidas numa atitude

(...) para vermos melhor, temos que tirar os óculos e não observar com eles postos» (Sandler & Freud, 1985, p. 176).

O debate em torno do tema e a conseqüente falta de consenso tornou-se particularmente evidente quando, em 1977, vários psicanalistas foram convidados, sob a orientação de Robert Spitzer, a apresentar os conteúdos para o eixo referente às defesas do DSM-III. Os esforços feitos foram inúteis. Não houve acordo em torno da relevância patológica e o significado de muitas defesas (Vaillant, 1992).

G. Vaillant (1992) dá-nos conta do debate na actualidade. Refere autores como Blum (1985, citado por Vaillant, 1992) para quem existe o perigo de simplificar um conceito complexo, em si mesmo, – o termo defesa pertence ao mundo das metáforas e da metapsicologia e qualquer tentativa de o definir é sempre insatisfatória. Por outro lado, autores como Brenner (1981, citado por Vaillant, 1992)) lembram que muitos dos denominados mecanismos de defesa têm outras finalidades para além das defensivas. O humor, por exemplo, pode ser uma reacção estética. Uma noção importante neste âmbito parece-nos ser a apresentada por E. Bibring (1946) e por D. Lagache (1956). E. Bibring diferencia mecanismos de defesa de mecanismos de desimpedimento. Os primeiros são fundamentalmente processos primários automáticos e inconscientes, cuja finalidade é a redução da tensão pulsional e da angústia decorrente. Os segundos são regidos pelo processo secundário e têm como objectivo a adequação das condições internas à realidade externa. Escreve o autor: «os mecanismos de desimpedimento do Ego não têm por fim ocasionar a descarga [ab-reacção] nem retira o perigo à tensão; a sua função é dissolver progressivamente a tensão alterando as condições internas que lhe dão origem» (citado por Laplanche e Pontalis, 1967/1970, p. 360). O trabalho de luto, a familiarização com uma situação ansiogénica são disso exemplo. Por seu lado, D. Lagache denuncia o uso abusivo do rótulo “defesas” sem qualquer diferenciação e aprofunda a noção de modalidades de desimpedimento na elaboração da estrutura de personalidade, em especial, no que se refere a experiência de tratamento (cf. Laplanche e Pontalis, 1967/1970, p. 361).

Uma posição mais radical é assumida por C. Brenner (1981). «Não existe», afirma o autor, «uma função especial do Ego com o intuito de defesa e apenas defesa. Então, discutir defesas em termos de mecanismos de defesa como Freud e todos os analistas fizeram desde então, inclusive eu, é errado» (Brenner, 1981, p. 561, citado por Vaillant, 1992).

Referindo-se à mesma problemática, Mijolla & Mijolla-Mellor (1999/2002) aludem ao facto das defesas incidirem sobre tudo o que suscita o desenvolvimento da angústia, «os três grandes senhores do Ego: o Id, o Superego e a realidade». Por isso, consideram como defesas todos os mecanismos que abrangem estas três áreas. Por exemplo, o deslocamento, característica do processo primário; o racionalismo e a intelectualização, mecanismos resultantes da secundarização; outros ainda como a projecção e a regressão, bem como os propostos por M. Klein, a clivagem e a identificação projectiva. Mas, interroga-se o autor, «estas actividades supostas serão simples mecanismos de defesa? E apenas do Ego? (...) Estes mecanismos serão, além disso, mais defensores do narcisismo, por exemplo (retracção narcísica, idealização)? Serão alguns deles processos mais instintivos?» (Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 221).

Apesar destas interrogações e não obstante o tema estar aberto a posteriores contributos, parece-nos oportuno referir, em modo de síntese conclusiva, dois aspectos sobre os quais, em geral, se reúne algum consenso. No primeiro, destacamos alguns factores comuns a todas as defesas, já globalmente explícitos por Freud e que, ainda hoje, gozam de aceitação, salvo raras excepções. Bateman & Holmes (1997) bem como G. Vaillant (1992), enumeram esses factores com algumas variações. Seguindo Bateman & Holmes (1997) vejamos cada um deles: 1. As defesas podem ser tanto normais e adaptativas como patológicas; 2. São uma função do Ego; 3. São geralmente inconscientes; 4. São dinâmicas e em constante mudança mas podem coalescer em sistemas rígidos e fixos nos estados patológicos e na formação do carácter; 5. Defesas diferentes associam-se a estados psicológicos diferentes, por exemplo, o recalçamento na histeria, o isolamento afectivo e anulação na neurose obsessiva; 6. Estão associados a níveis de desenvolvimento.

O segundo aspecto refere-se à categorização das defesas. Seguindo autores como M. Klein (1961/1976), as defesas podem ser consideradas primárias ou imaturas. Sem pretensão de sermos exaustivos, aqui ficam alguns exemplos de defesas que se enquadram dentro de cada um destes itens. Sob o rótulo de defesas primárias, encontram-se mecanismos como a idealização, a projecção, a identificação projectiva, a clivagem, a negação (Baranger, 1981). Nas defesas denominadas neuróticas podemos encontrar a condensação, o deslocamento, a intelectualização, o isolamento, a racionalização, a regressão, o recalçamento, a identificação com o agressor, a formação reactiva, a reinversão, a somatização e anulação. Finalmente, nas maduras, encontramos o sentido de humor e a sublimação.

No âmbito do nosso estudo e como forma de fundamentar a legitimidade da categorização das defesas, parece-nos pertinente referir, ainda que sucintamente, as características e a génese das estruturas de personalidade. O predomínio de uma defesa difere substancialmente da forma como o sujeito está estruturado. Vejamos então a relação entre estruturas e defesas.

1.5 Estruturas e mecanismos de defesa

As estratégias defensivas utilizadas, de um modo mais ou menos inconsciente, são denunciadoras, *per se*, de uma estrutura de personalidade subjacente. Os mecanismos de defesa são manifestações de algo mais profundo, fixo e inalterável que condicionam o modo de ser, de actuar, de pensar e agir do sujeito.

Já em 1923, em Novas Conferências, Freud aborda o tema da configuração estrutural do psiquismo humano recorrendo a uma linguagem metafórica: se deixarmos cair no chão um bloco de mineral cristalizado e este se partir, não será de forma arbitrária, mas segundo as “micro-clivagens” pré-existentes e invisíveis a olho nu. De modo semelhante, o impacto com uma realidade violenta e inesperada, a pressão feita pelas pulsões, torna o Ego susceptível de se fragmentar a partir das linhas de direcção já existentes. Freud entende que o sujeito pode, desta forma, descompensar, mas apenas no quadro de uma estrutura estável e invariável.

J. Bergeret é um dos autores de referência quando abordamos o conceito de estruturas. O autor defende que a personalidade está organizada de uma «forma estável e irreversível com mecanismos de defesa pouco variáveis, com um modo de relação de objecto selectivo, com um grau de evolução libidinal e egóico definido, com uma atitude mantida de forma repetitiva perante a realidade, com um jogo recíproco bastante invariável dos processos primários e secundários» (Bergeret, 1996/2000, p. 51).

Na origem da cristalização desta estrutura estariam factores de ordem hereditária, bem como a relação estabelecida com pais desde os primeiros momentos de vida, a existência de traumatismos ao longo da infância e adolescência e outros factores que accionam o aparecimento dos mecanismos de defesa, armas do Ego que resistem às pressões internas e externas. Bergeret refere-se a três fases neste processo de cristalização, sendo que, no seu termo, o sujeito cristaliza como um corpo químico, com linhas de clivagem originais «numa verdadeira estrutura de personalidade, isto é, num Ego autêntico, que não poderá mais modificar-se nem mudar de classe fundamental, mas apenas adaptar-se ou desadaptar-se»

(Bergeret, 1996/2000, p. 59). E, em caso de descompensação, de ruptura do equilíbrio anterior, as manifestações patológicas são expressão dessa estrutura subjacente: o sujeito de uma estrutura psicótica apresenta um quadro de sintomas e defesas próprias da psicose; um sujeito de estrutura neurótica, por seu lado, desenvolve uma somatologia e um sistema defensivo característico da neurose.

Para Bergeret, estas estruturas são fixas e exclusivas, isto é, não há qualquer possibilidade de passar de uma para outra. Na estrutura neurótica, encontramos como elemento base e constante, a existência de um Ego organizado em torno do Édipo e da genitalidade, as defesas surgem como atenuantes do conflito entre o Ego e as pulsões, sendo que o recalçamento constitui o mecanismo de defesa dominante. A libido é investida num objecto, prevalece o processo secundário e a realidade é tida em conta. Por seu lado, numa estrutura psicótica, os mecanismos de defesa são mais arcaicos, a recusa da realidade é constante, a libido é investida narcisicamente e predominam processos primários.

J. Bergeret refere-se ainda a uma terceira categoria de personalidade que está organizada de modo intermédio, isto é, não se enquadra em nenhuma das estruturas fixas referidas – neurótica e psicótica. As organizações intermédias são toda a gama de categorias denominadas de “estado-limite” e não têm a estabilidade de uma estrutura: vacilam entre um pólo e outro. Denominadas por alguns autores como organizações “*as if*”, foram particularmente descritas por autores como Kernberg (1984). O Ego dos sujeitos destas organizações opera numa dualidade, mas sem estar verdadeiramente clivado. Trata-se apenas, segundo J. Bergeret (1996/2000), «de uma clivagem das representações objectais, de um simples desdobramento das imagos, destinada a lutar contra a angústia de perda do objecto e contra o risco de chegar assim ao segundo modo de clivagem» (*op. cit.*, p. 146). Assim, reagem defensivamente à ameaça de estilhaçamento do Ego recorrendo, por um lado, a um registo adaptativo à realidade, quer no plano narcísico, quer no plano relacional; ou, num registo anaclítico, quando estas duas áreas estão em perigo.

Em matéria de defesas propriamente ditas, se é verdade que em cada estrutura psíquica predominam um tipo de operações, também não é menos verdade que, em certas circunstâncias, podemos encontrar sujeitos de estrutura neurótica, mas com defesas psicóticas e/ou vice-versa. Como nos recorda J. Bergeret (1996/2000), não é raro encontrar em organizações estruturais psicóticas, defesas contra a descompensação de tipo neurótico; e encontrar em estruturas autenticamente neuróticas elementos defensivos como a projecção ou

a identificação projectiva como forma de atenuar a emergência de elementos recalçados antigos, susceptíveis de provocar desequilíbrio pelo afecto penoso que evoca (cf. também Freman, 1959).

Não menos importante para o nosso trabalho, é também a constatação do autor que um indivíduo uma vez sujeito a um trauma significativo pode experienciar a despersonalização, e/ou a desrealização, uma vivência nada estranha para os indivíduos sujeitos a «situações extremas».

2.«Situações extremas» e defesas

A imensa literatura a propósito do holocausto perpetrado pelo regime liderado por Adolf Hitler, durante a segunda guerra mundial (1939-1945), proporciona ao leitor um infundável discurso de horrores, de narrativas desumanas, de relatos inimagináveis que, talvez por isso, alguém ouse duvidar da veracidade de tais acontecimentos. Como vagas persistentes de um mar sem fim, de tempos a tempos surge, com maior ou menor força, aqui e ali, a voz de alguém que, motivado por razões pouco claras, nega a realidade dos factos: o genocídio de 6 milhões de judeus e de outros tantos milhares de homens e mulheres considerados inaptos para o regime vigente. Talvez ainda pior do que esta atitude – indecente, digamos – é aquela que avança silenciosamente, é tolerada socialmente, ganha terreno como um cancro maligno, como se um destino inexorável se tratasse: o esquecimento, a indiferença. I. Kertész² (1997/2009) reflecte sobre esta postura na obra *Metamorfose*. Numa passagem por Berlim, recorda o trágico acontecimento, a Noite de Cristal. Lamenta não haver nem uma placa comemorativa do sucedido e acrescenta: «Dentro de alguns anos, tudo isso vai desaparecer; tudo, tudo vai mudar, as pessoas, as casas, as ruas; as lembranças serão emparedadas, as feridas, betonadas, o homem moderno, com a ligeireza que o caracteriza, há-de esquecer tudo, expelindo da sua vida os sedimentos perturbadores do seu passado, qual depósito deixado pelo café» (*op. cit.* p. 49).

Talvez o recalçamento e a denegação sejam também uma operação defensiva de uma “mentalidade colectiva” cujos sintomas patológicos seriam susceptíveis de estudo e tratamento. Curiosamente, segundo Jucovy (1992), também no campo da psicologia e da psiquiatria, foi preciso esperar uma década para que os profissionais de saúde se dedicassem

² Cidadão húngaro, proveniente de uma família judia, foi deportado em 1944 para Auschwitz e Buchenwald e posteriormente libertado. Em 2002 foi agraciado com o Nóbel da Literatura.

seriamente à problemática dos sobreviventes e suas famílias. Desde então, vários estudos têm sido publicados sobre as consequências das vivências traumáticas durante a segunda guerra, não apenas nos sobreviventes, mas também na segunda e terceira geração (Jucovy, M., 1992; Niederland, W., 1968; Kogan, I., 1988, 1989, 1995, 2003; Krystal, H., 1984, 1985; Jucovy, M., 1992, entre outros).

São por demais os documentos que atestam que o ambiente da segunda guerra colocou as vítimas da barbárie Nazi perante uma situação limite ou «uma situação extrema». B. Bettelheim (1952/1979), sobrevivente do holocausto, refere-se a estas experiências indizíveis como «o lugar onde o sujeito não pode contar com as crenças que orientavam a sua vida nem, tão pouco, com as defesas psicológicas que sustinham o seu bem-estar físico e psíquico e que o protegiam da angústia de morte» (*op. cit.*, p. 23). Essa situação caracteriza-se, em termos gerais, por uma vivência da crueldade pura, uma experiência que supera todos os limites do humanamente possível. Primo Levi (1958/2001), também ele sobrevivente do holocausto, confessa a sua incapacidade para encontrar palavras suficientemente adequadas para exprimir a violência de que ele, como outros tantos, foi vítima. Logo após a chega a Auschwitz, descreve como lhe tiraram tudo: roupa, sapatos, cabelo. Anteriormente já tinha sido privado da liberdade e do contacto com as pessoas amadas, tinha sido retirado à força da sua casa e levado para fora do seu país. Tornara-se um “homem vazio”, reduzido ao sofrimento e à carência, um objecto cuja sobrevivência dependia de terceiros (cf. *op. cit.*, p. 26). A mesma experiência de um desprendimento forçado logo após a primeira selecção, na entrada de Auschwitz, é também descrita por autores como V. Frankl (2005), N. Tec (2003), L. Smith, (2005/2006), entre outros tantos.

Sujeitos à violência e arbitrariedade dos seus carrascos, na «situação extrema» ou «situação limite», o sistema de defesas do Ego da vítima é posto à prova. Simeauer (1968), define-a como sendo o «resultado das experiências de encarceramento e violência física, o confinamento nas várias prisões Nazis. Submetido ao sofrimento físico, torna-se testemunha da tortura e do assassinato, da anulação da auto-estima, associada à ausência dos direitos civis mais básicos e, conseqüentemente, à vivência do desespero e do desamparo» (citado por Kijak; Funtowicz, *op. cit.*, 1982). Por seu lado, Kijak & Funtowicz (1982) desenvolvem este conceito apresentando 11 condições para que uma situação seja considerada «extrema». M. Wanch (1968), referindo-se a estas situações de impacto traumático provocadas pela guerra, afirma que a vítima fica afectada na capacidade de apreender os estímulos externos, devido «aos mecanismos defensivos de despersonalização e de desrealização» (*op. cit.*, p. 320).

Em síntese, o sentimento de despojamento total, não apenas de um conjunto de elementos materiais como um lar e todos os pertences, mas também das suas histórias, tradições, crenças e, inclusive, a perda do próprio nome (a cada um que chegava, era-lhe atribuído e tatuado na pele, para sempre, um número que o identificava, como se, a partir daquele momento, ele tivesse nascido de novo, num novo mundo, cheio de terror); a situação de total vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, dependência dos agressores, a impossibilidade de reagir, a imprevisibilidade do amanhã, as humilhações a que eram sujeitos, são factores que caracterizam, ainda que insuficientemente, esta «situação extrema».

E que tipo de reacções podemos encontrar nos testemunhos que chegaram até nós daqueles que foram sujeitos a tal barbaridade? Quando lemos os relatos dos sobreviventes ou simplesmente daqueles/as que, como Etty e Anne Frank, nos deixaram, constatamos uma pluralidade de reacções face ao violento contexto. Etty, por exemplo, faz várias vezes menção ao predominante sentimento de raiva, de ódio das vítimas impotentes face ao comportamento do agressor. Por outro lado, numa carta escrita em Dezembro de 1942, refere-se também à atitude daqueles que se recusavam a *pensar* e a *sentir* o que realmente acontecia à sua volta – «E, por isso, todos os dias ouvimos dizer, de todos os lados e em todos os tons: “Não queremos pensar, não queremos sentir, queremos esquecer o mais rapidamente possível.”» (*Carta* n. 23). Outras testemunhas dos acontecimentos aludem, por seu lado, àqueles vencidos pelas situações extremas, os mortos vivos, descritos por I. Kertész (1975/2003) como «velhos muito idosos (...), cabeças enfiadas nos ombros (...), mesmo nos dias mais quentes de verão (...), pontos de interrogação ambulantes (...), [que] só de olhar para eles, perde-se a vontade de viver» (1975/2003, p. 99). O inegável sentido de desistência deste grupo de vítimas, denominados de “muçulmanos”, contrasta com o daqueles que encontraram em si recursos internos para fazer face à situação, procurando um sentido para lá do arame farpado, capaz de sustentar a vontade inata de prolongar uma vida num mundo sem sentido³. Uma sobrevivente recorda o momento em que o irmão lhe morre nos braços como o despertar de um sentimento de revolta contra a máquina de matar: «eu vou viver. Eu convenci-me que tinha de desafiar Hitler. Eu não vou desistir. Já que ele quer que eu morra, eu vou viver» (citado por Brenner, 1997, p. 4). Outros, como o jovem adolescente descrito na história, «*Sem destino*», de I. Kertész encontravam alívio na evasão através da imaginação. Essa «mantém-se

³ A propósito de razões para sobreviver à «situação extrema», veja-se a divergência entre dois modelos, o preconizado por V. Frankl (1975/2003) e o de B. Bettelheim (1952/1979). Sobre o assunto, cf. ainda, por exemplo, C. Lasch (1984/1986) e a visão crítica de T. Pytell (2007).

livre», confessa o autor, mesmo quando «as mãos se ocupavam com as pás ou as picaretas, executando movimentos económicos, parcimoniosos, restringidos ao absolutamente necessário» (1975/2003, p. 110). Mas, mesmo a fantasia, neste contexto, desabafa Kertész, encontra certas barreiras. Talvez por isso, chegam até nós os desabafos sofridos daqueles sobreviventes como o de E. Wiesel (1958/2006)⁴. Ao contemplar as cinzas que emanavam das altas chaminés em Auschwitz - «eu nunca esquecerei a carinha das crianças cujos corpos vi transformados em fumo sob o céu silencioso» – Wiesel parece jurar não esquecer esses momentos que «mataram o meu Deus, a minha alma e reduziram a cinzas os meus sonhos» (*op. cit.*, p. 34). Posição diferente, como veremos, foi encontrada por mulheres como Etty: Deus, o sonho de um futuro diferente, foram pilares de uma existência que possibilitou a repetição do refrão: «a vida é bela» (Brenner, 1997).

Mas uma pergunta surge espontaneamente ao espírito do leitor: quais as causas de tão diversificadas respostas face ao mesmo acontecimento? Como explicar comportamentos tão contrastantes? Parece-nos óbvio que, se os factores externos são os mesmos, será necessário indagar as razões internas para melhor compreensão da multiplicidade de respostas.

Num artigo sobre os sintomas latentes em pacientes vítimas de mutilações, A. Lorenzer (1968) põe em evidência um conjunto de estratégias mentais a que a vítima recorre para fazer face a situações traumáticas. A ferida narcísica provocada pela perda de algum membro durante a guerra, levava-os a viver numa “super-normalidade” em que a mutilação «não significava nada para eles». A. Lorenzer (1968) refere-se a uma clivagem do Ego destes pacientes: uma parte reconhece a realidade, isto é, estão sem um braço ou sem uma perna; mas, por outro lado, a perda é relativizada pela expressão «isso não significa nada». Segundo este autor, neste contexto, o Ego não tem grandes alternativas: «ou tudo ou nada». Ou escolhe viver numa “super-normalidade” ou num estado de confusão afectiva psicótica. O recurso à denegação, à clivagem do Ego são, portanto, mecanismos indispensáveis para fazer face a uma realidade frustrante que evoca uma ferida narcísica representada pela mutilação.

Também Klein & Kogan (1986) descrevem os processos mentais através dos quais o sujeito luta contra a «situação extrema» em que está imerso. São mecanismos defensivos que oferecem uma certa “imunidade psíquica” à vítima de perseguição. Os autores referem-se «aos processos de identificação, através da fantasia (pelo recurso a memórias da infância, a imagens da Bíblia, a poemas e a orações) com os objectos idealizados perdidos. Regressar ao

⁴ Sobrevivente do Holocausto, autor de várias publicações, recebeu o Prémio Nobel da Paz, em 1986.

mundo da fantasia, onde é possível entrar em contacto com o *self-ideal*, é uma forma de escapar à terra deserta e árida, onde o tempo não tem fim, ao gueto e ao campo de concentração e de encontrar, para lá do arame farpado, um mundo idealizado» (Klein & Kogan, 1986, pp. 45-46). O processo de identificação está também presente em palavras, discursos que exprimem o desejo de fusão, individual ou colectiva, com Deus. Os autores chamam a atenção para a ligação entre os processos de identificação e a denegação. A denegação da realidade brutal e a possibilidade de criar uma neo-realidade através da fantasia com a qual o sujeito se identifica constitui um modo de adaptar-se defensivamente e de sobreviver psiquicamente.

Heinz Kohut também se debruça sobre o estudo da vivência interna de alguém profundamente sujeito às pressões de uma «situação externa». Num artigo sobre a coragem (1970), postula a existência de um *self nuclear* definido como um composto «de derivados do *self* grandioso (isto é, dos objectivos, propósitos e ambições centrais de auto-afirmação) e de derivados da *imago* genitorial idealizada (isto é, dos valores idealizados centrais)» (*op. cit.* p. 33). O *self nuclear*, segundo Kohut, é um conteúdo da mente que contém não apenas os valores e ideias mais duradouros do indivíduo, mas também, os seus objectivos, propósitos e ambições mais profundas. Existem, segundo este autor, *selves* periféricos que, em certas fases da vida, podem entrar em contradição com o *self nuclear*. No entanto, é este *self nuclear* que, em última análise, fornece a motivação para acções corajosas e determina as atitudes admiráveis dos heróis-mártires. Esse núcleo central, resistente à mudança, permanece inquebrantável mesmo quando o homem é sujeito a afrontas e à tortura da morte. Por isso, os homens verdadeiramente corajosos, preferem aceitar a morte a atraiçoar os valores e propósitos do *self nuclear*. Kohut elucida esta noção com o exemplo de um fazendeiro anti-nazista, Frank Jaegerstatetter, que preferiu a guilhotina a ceder aos valores cristãos que professava. Mais recentemente, o testemunho da colombiana Clara Rojas (2009), sequestrada durante 6 anos pelas FARC é, também, um exemplo de alguém cuja saúde psíquica foi posta à prova. Numa situação limite, segundo o seu relato, a fidelidade aos ideais religiosos traduzidos na proximidade e na relação contínua com um Deus misericordioso, foram factores que a contribuíram decisivamente para a sua sobrevivência.

A. Carreiras (2005) faz uma revisão bibliográfica sobre as vivências dos sobreviventes do holocausto e, em síntese, associa o grau de intensidade de devastação das vítimas da grande violência às possibilidades que cada uma dispõe para mobilizar recursos contra ela. A autora faz referência a factores determinantes como «a história de vida anterior, elementos

que se assemelham “às armas e às bagagens” que, ao longo do seu desenvolvimento, o sujeito foi construindo dentro de si» (*op. cit.*, p. 336). Fundamenta o enunciado recorrendo a vários autores e conclui: «as situações de traumatismo externo (...) reenviam as vítimas para as angústias muito primitivas. A metabolização dessas angústias, antigas e intensas, depende, fundamentalmente, da capacidade dos indivíduos mobilizarem mecanismos de contenção e de transformação. Estes mecanismos ter-se-ão construído ao longo do desenvolvimento, por identificação com as qualidades de disponibilidade emocional e de gerar sentido das figuras significativas» (*op. cit.*, p. 338).

Sem mais delongas, vejamos o testemunho de Etty, a sua bagagem (os objectos internos de identificação primária) e, sobretudo, essas “armas” (as defesas) que deram ao seu testemunho uma tonalidade única e, de certo modo, desconcertante.

2 - ETTY, UM PERCUSO

Sabemos pouco de Etty antes de ela começar a escrever sobre si mesma, no Diário. Sabemos que nasceu a 15 de Janeiro de 1914, em Middelburg, Hilversum, e que passou parte da sua infância em Tiel (1916-1918) e em Winschoten (1918-1924). Em Deventer, cidade situada na zona Este da Holanda, onde actualmente se encontra a fundação Etty Hillesum, fez a sua formação Primária e Secundária no Liceu do qual o seu pai era o director. Permanece nesta cidade até ingressar no curso de Direito em Amesterdão. Klaas Smelik (2001, p. Xii), na introdução à versão completa e anotada em língua inglesa dos Diários e Cartas, diz que Etty, ao contrário dos seus irmãos, não foi particularmente uma brilhante aluna durante o período de formação inicial, nem no estudo das leis. Segundo um testemunho de um dos seus professores da época, os resultados eram medianos porque Etty nunca se empenhara muito nessa área (Lebeau, P., 1999/2000). Mesmo assim, em Julho de 1939 concluiu o doutoramento em Direito Público. Além disso, durante esse período, frequenta as reuniões de grupos de estudantes anti-fascistas e mostrou interesse pelas questões políticas e sociais sem, no entanto, militar em nenhum partido. Entretanto, os Diários e as Cartas testemunham que ela adquiriu uma vasta cultura filosófica e literária, bem como um bom conhecimento de línguas como o Russo, o Francês e, sobretudo, o Alemão. Por causa da guerra, foi impedida de se apresentar a exames nos estudos eslávicos, mas o contacto com esta cultura abre-lhe a porta a autores como Dostoiévski e Tólstoi que ela lê e traduz avidamente.

2.1 Núcleo familiar

Ester (Etty) Hillesum era a mais velha de três filhos de um casal de judeus pouco observantes. Viviam na Holanda e estavam integrados socialmente. Seus pais são alvo de variadíssimas referências ao longo do Diário e das Cartas, anotações que diferem substancialmente em cada um dos textos. Se compararmos as referências do Diário às das Cartas, veremos que nas primeiras Etty deixa transparecer sentimentos fortemente ambivalentes, prevalecendo as imagens negativas como se de um fantasma se tratasse, qual reminiscência de um passado assustador que determina o presente. Nas Cartas, porém, escritas maioritariamente num contexto de maior privação, em Westerbork, predomina uma descrição mais objectiva e factual da realidade. Nas Cartas, os pais de Etty, ao contrário das especulações do Diário, aparecem como sujeitos à fome, ao frio ou ao calor; que estão

conformados ou revoltados com a situação. E Etty surge como mãe que cuida de ambos, objectos tendencialmente idealizados, motivo de preocupação constante.

O pai, Louis Hillesum, especialista em línguas clássicas, leccionou durante quase toda a vida em vários colégios. É descrito, por vezes, com qualificativos pouco apreciáveis. Mas é com a mãe que mantém uma relação ainda mais tensa. Rebecca Hillesum Bernstein, emigrante russa, foragida de um *progrom*, é apresentada na introdução à primeira publicação em língua inglesa como uma mulher apaixonada, extrovertida, caótica e, em quase tudo, diferente do marido (Gaarlandt, J, 1983, p. XII).

Segundo informação da Cruz Vermelha, ambos morreram ou durante a viagem para Auschwitz, em Setembro de 1943, ou logo à chegada ao Campo, nas câmaras de gás (Smelik, 2001; Germain, 1999/2004; González Faus, 2008).

Etty tinha dois irmãos, apresentados pelos vários biógrafos dela como intelectualmente dotados, mas de pouca saúde mental. Jaap, o mais velho, apesar das «tendências esquizóides» (Flinders, 2006, p. 40), foi um destacado aluno em medicina, e Mischa, o mais novo, era reconhecido como um pianista exímio e, por isso, gozou de alguns privilégios durante a ocupação. No entanto, não obstante o sucesso, tinha crises constantes e, segundo o diagnóstico da época, ao qual Etty faz várias vezes menção, sofria de esquizofrenia. Mischa viajou com os pais e Etty, em Setembro de 1943, para Auschwitz, onde veio a morrer, segundo informação da Cruz Vermelha, em Março de 1944. Jaap permaneceu em Amesterdão mais tempo. Em Setembro de 1943, altura em que os restantes familiares partiam para o campo de extermínio, na Polónia, Jaap chegava a Westerbork. Foi deportado para Bergen-Belsen, em Fevereiro de 1944 e veio a falecer, em Abril de 1945, após a chegada do exército Russo, durante a viagem de regresso a casa.

É bem significativo o texto do dia 6 de Dezembro de 1941 no que se refere à família. Apercebe-se de que estava grávida, uma gravidez não desejada. Não sentia em si qualquer instinto maternal. Então, combate com «água quente e instrumentos terríveis» a nova vida que em si ganha identidade, com o pretexto de já «haver demasiada carga hereditária perigosa a circular [na minha família]». Fá-lo determinadamente com a convicção de salvar uma vida: «quero poupar este vale de lágrimas a alguém». Evoca o episódio violento em que o irmão, Mischa, é levado à força para o manicómio. À luz deste tumulto, promete a si mesma não deixar que do seu ventre saísse uma pessoa tão infeliz. E conclui: «Hei-de barrar-te o acesso a esta vida e garanto-te que disso não hás-de queixar-te» (*Diário*, 6/12/1941).

2.2 Julius Spier

De ascendência judia, nascido em Frankfurt, em 1887, Julius Spier foi o homem que maior influência exerceu nos últimos anos de vida da jovem judia. Spier – ou simplesmente S. como quase sempre aparece no diário – depois de uma carreira de sucesso como homem de negócios, estudou sob a orientação de C. Jung e, motivado pelo mestre suíço, no início da década de 30, dedicou-se completamente à psiquiatria. Estabeleceu-se em Berlim até ao dia em que as perseguições aos judeus o obrigaram a fugir para Amesterdão, onde tinha uma irmã. Na capital holandesa, abriu consultório e à sua volta congregou um grupo de discípulos, particularmente mulheres, um autêntico «harém» como lhe chamava Etty.

Foi nos inícios de 1941 que Etty, por sugestão de uma amiga, conheceu Spier. Rapidamente, tornou-se o seu “objecto psiquiológico” e, logo nas primeiras páginas do Diário, confessa a forte impressão que a “personalidade mágica” do terapeuta tinha exercido sobre ela.

«Olhos cinzentos e gastos, espertos, incrivelmente espertos, que por alguns instantes conseguiram desviar a atenção da boca enorme, mas não totalmente. Fiquei muito impressionada com o trabalho dele: a análise dos meus conflitos mais profundos através da leitura do meu segundo rosto – as mãos» (*Diário*, 9/3/1941).

O sucesso de Spier na vida de Etty deve-se, em parte, à sua abordagem metodológica. O método terapêutico proposto por J. Spier compreendia um conjunto de exercícios respiratórios ao despertar, ginástica e sessões de “luta física” entre ele e as pacientes - várias vezes, Etty faz eco delas, no seu Diário. Entre os seus exercícios, contava-se também a leitura e/ou repetição de «umas palavras iluminadoras» (*Diário*, 9/3/41), de cariz religioso. Etty testemunha como, gradualmente, a proximidade com este homem, de «olhos límpidos e puros, de boca carnosa e sensual, de silhueta de touro manso» (*Diário*, 9/3/41), foi tomando conta da sua fantasia. Escreve, por exemplo, com graça, na abertura do Diário, no domingo à noite, na casa de banho, nesse 9 de Março, como ficou em total alvoroço ao ouvir a voz do terapeuta ao telefone:

«Praguejei que nem um carroceiro contra mim mesma e capacitei-me de que já não sou uma adolescente histérica. E de repente entendi perfeitamente os monges que se autoflagelam a fim de dominar a pecadora carne».

A relação com Spier não foi sempre linear. Inicialmente, os seus desejos e fantasias estavam fundamentalmente centrados nele. Nas páginas do *Diário* sucedem-se com descrições de avanços e recuos; de amor e ódio; de desejos de exclusividade e de repulsa, uma relação marcada, portanto, pelo conflito entre o impulso (princípio do prazer) e o interdito (princípio da realidade). Deseja, por exemplo, «partilhar a escova de dentes com ele», mas, ao mesmo tempo, reconhece que o «distanciamento é bom e frutuoso» (*Diário*, 5/742); imagina-se casada com ele e, ao mesmo tempo, afirma que não é de um homem só...O conflito intrapsíquico é expresso, por exemplo, na seguinte afirmação: «é difícil estar bem com Deus e com a parte inferior do teu corpo», confessa (*Diário*, 4/8/41).

Etty luta por escapar à atracção, ao fascínio do objecto “Spier”. Deseja transcender esse objecto, deslocando, através da sublimação, essa energia pulsional, dando-lhe uma nova finalidade (em conformidade com as exigências das instâncias ideais), um novo alvo valorizado socialmente, que se traduzia num amor oblativo, não a um sujeito particular, mas a uma causa. Spier potenciou esta mudança de atitude. Pela mão dele, Etty começou a ler com frequência passagens da Bíblia, em particular do Novo Testamento, e outros autores cristãos como S. Agostinho e Tomás Kempis. Não é de surpreender, pois, que a palavra “Deus” seja uma constante nos seus textos. Guiada por este mestre, não é estranho que, em pouco tempo, «a rapariga que não sabia ajoelhar» começasse a «prenunciar carinhosamente o nome de Deus» e se sentisse «a eleita de Deus» (*Diário*, 19/7/1942), aquela que «passeando-se na solidão e na lama [de Westerbork], escreveu algumas das orações mais extraordinárias que um ser humano pode proferir» (Tolentino, 2008, p. 21).

A 25 de Novembro de 1941, nove meses depois de ter conhecido Spier, Etty constata, por um lado, que já se libertou dele e, por outro, que ele se tornou uma partícula do seu ser: «e com essa partícula dentro de mim, eu continuo, mas sozinha». Um ano depois, confessa que o encontro com Spier proporcionara-lhe um novo nascimento, de tal forma que «esta data será a do meu aniversário» (*Diário*, 20/2/1942). Spier chamava-lhe «a minha secretária russa». Manteve com ela uma relação que superou as fronteiras de uma relação profissional. Etty, por seu lado, desejou vezes sem conta afastar-se desta personalidade que a abafava, mas reconheceu-o, já depois da sua morte, como «o grande amigo, o parteiro da sua alma» (*Diário*, 24/9/1942).

2.2. Contexto

Depois de ter vivido a infância, a adolescência e parte da juventude com os pais, Etty vai viver para Amsterdão, tendo como residência o n. 6 da Rua Gabriel Metsu. Da janela do seu quarto, contempla a área circundante e descreve-a com grande beleza: a grande praça com o Rijksmuseum ao fundo, «tão provocantemente fresco e novo nos seus contornos», as árvores, as túlipas, o vermelho e o branco, inclinados um para o outro (*Diário*, 22/3/1942), e «os pássaros e o sol a bater naquele telhado coberto de seixos!» (*Diário*, 5/7/1942).

Etty estava contratada como governanta do proprietário da casa, Hans Wegerif (“pai Hans”), um antigo contabilista, viúvo, com quem manterá uma relação sentimental, mas não exclusiva. Sob o mesmo tecto, vivia uma alemã de «origens rurais, cristã», a quem ela chamava a «segunda mãe»; um «pequeno-burguês», Bernard, estudante de bioquímica e o jovem, filho de Hans, estudante de economia, «íntegro e bom cristão» (*Diário*, 15/3/1941).

A heterogeneidade dos elementos e a situação sociopolítica suscitava frequentes tensões na casa. Etty diz que o seu papel era o de «manter a harmonia da casa». Uma tarefa nada fácil naquele contexto de guerra e de tanto ódio. Os alemães tinham invadido os Países Baixos em Maio de 1940 e a perseguição aos judeus, apesar de ser mais lenta que nos países de leste, pois a comunidade encontrava-se maioritariamente integrada, falava a mesma língua, vestia-se do mesmo modo e não estava fechada em guetos, foi implacável. Em Outubro do mesmo ano foram publicadas as primeiras medidas do governo Nazi, sob a liderança de A. Seyss-Inquard antigo delegado do Reich na Áustria, posteriormente representante do governo Nazi na Polónia, apelidado de “predador implacável”. Todos os homens e mulheres de raça judia foram recenseados e, posteriormente, com os bens confiscados e afastados dos seus trabalhos, foram também proibidos de estar em lugares públicos. Para que nenhum judeu ficasse à margem das novas leis, criaram um Conselho Judaico, um organismo liderado por judeus, mas “governado” pelos nazis, que servia de intermediário entre o novo governo e a população. Através dele, organizaram um novo recenseamento que abrangia também os holandeses com sangue judeu. A 9 de Fevereiro, motivado pela “onda” de ódio, o partido nazi holandês saqueou e destruiu as sinagogas do Bairro judeu. Em resposta, a população reage. Houve confrontos. Mortos. Acalmadas as hostilidades, como retaliação, as autoridades fizeram deportar centenas de judeus, na sua maioria homens. Dos 140 000 judeus recenseados, no final da guerra, 104 000 tinham sido assassinados (cf. Gilbert, M. 1986/1987; Levin, N., 1968/1977).

2. Etty através do Diário

Chegaram até nós apenas 10 dos 11 Cadernos nos quais Etty escreveu o Diário. Pouco antes de partir para Westerbork, Etty confia-os a Maria Tuinzing, uma nova residente da casa de Gabriel Metsustrast, com o pedido de ela os entregar ao escritor Klaas Smelik. Posteriormente, durante anos a fio, o seu filho procurou sem sucesso uma editora que aceitasse a publicação. Só em 1981 foi publicada uma versão parcial dos Diários por J. G. Gaarlandt, «*Uma vida interrompida*», actualmente também traduzida em Português. Em 1986 toda a obra foi colocada à disposição do público, primeiro em Holandês e, posteriormente, em Inglês, edição que serve de base para o nosso estudo (Hillesum, E., 1986/2002). Tendo a guerra como pano de fundo, Etty concentra-se principalmente nos seus problemas, reflectindo as variações de humor, as relações com os outros, os livros que lê e traduz. Parece omitir propositadamente a guerra.

No presente capítulo pretendemos assinalar alguns dos temas recorrentes do longo monólogo de Etty, mas sem a pretensão de fazer uma análise exaustiva – tarefa quase impossível se tivermos em conta a extensão do Diário – sublinhando apenas as principais estratégias defensivas. A escolha do texto do Diário deve-se ao facto de se tratar de uma forma de escrita que nasce de uma associação livre de ideias sendo, por isso, reveladora de um mundo interno da autora, mais susceptível de ser interpretado.

Alguns dados cronológicos:

- *Diário*: 9 de Março de 1941 a 13 de Outubro de 1942.
- *Cartas*: 5 de Julho de 1941 a 1 de Setembro de 1943.
- 15 de Março de 1942 início do trabalho como funcionária do Conselho Judaico.
- Agosto de 1942 ida para Westerbork
- Início de Setembro de 1943 viagem para Auschwitz.
- 30 de Novembro morre em Auschwitz.

Primeiro Caderno: De 8 de Março a 4 de Julho de 1941.

A primeira entrada datada de 8 de Março de 1941 não é, na realidade, um texto do Diário, mas sim um esboço de uma hipotética carta dirigida ao Sr. Spier. Nela Etty expressa o seu entusiasmo e, ao mesmo tempo, a ambivalência resultante do encontro com ele: por um lado, uma forte atracção erótica e, simultaneamente, uma grande aversão. Nessa carta, Etty apresenta-se como alguém que sofre de um humor deprimido: o medo, o caos, a falta de esperança são sentimentos constantes. Etty pergunta-lhe se ele pode ajudá-la. Confessa a sua relutância em escrever, mas, ao mesmo tempo, diz que gostaria de ser escritora. A carta termina com um agradecimento a Spier.

A primeira anotação no Diário aparece um dia depois da mencionada carta. Depois de dissertar sobre a sua “vergonha” em escrever, apesar dos pensamentos serem claros, centra-se no Sr. Spier. Certamente foi por sugestão dele que Etty começa a escrever o Diário. O objectivo era proporcionar-lhe mais uma ferramenta de auto-análise, o que combinava perfeitamente com as suas ambições tantas vezes explícitas de ser escritora. As anotações deste dia são reveladoras de um estado de fragilidade emocional, uma auto-consciência de algo que em si não estava bem, que deveria ser cuidada por alguém entendido. Estavam, pois, criadas as condições para que Etty e Spier se encontrassem:

«Lá estava eu, então, com o meu “*bloqueio espiritual*”. E ele iria pôr o meu caos interior em ordem, dominar as forças contraditórias que habitam o meu íntimo. Foi como se me tivesse pegado pela mão e me dissesse, vê, é assim que deves viver. Toda a vida tive esta sensação: quem me dera que houvesse alguém que me pegasse pela mão e se ocupasse de mim; eu pareço forte e faço tudo sozinha, mas gostava tanto de me entregar completamente. E agora surge este estranho total, o senhor Spier, com a sua fisionomia complicada e, apesar de tudo, numa só semana já tinha operado milagres». (*Diário*, 9/3/41)

Deduz-se claramente do texto que Etty padecia de um défice de auto-estima. Esta insuficiência narcísica causada em parte, como veremos, pela percepção de uns pais “insuficientemente bons”, aliada a um contexto no qual ser judia, pertencer a uma raça perseguida, rotulada negativamente e sem direito à vida, tornara-a uma sedenta de um “novo pai”, alguém que lhe garantisse um novo “colo afectivo e seguro”, alguém que a protegesse e lhe possibilitasse caminhar com uma atitude diferente. Como veremos, com Spier, Etty

encontra uma nova forma de ser e de estar no mundo. Aprende com ele a descobrir, em si mesma, formas de sobrevivência, não à morte física que é inevitável, mas aos sinais exteriores e aos sintomas interiores que, no seu caso, forçavam a abreviação da vida.

As entradas sucedem-se quase diariamente como se, vencida a resistência inicial, não fosse capaz de parar de escrever. Escreve, em pormenor, sobre temas variados mas também assinala, por vezes, os lugares, as horas onde se encontra a escrever.

As páginas do primeiro caderno são aquelas que mais nos dizem sobre o método de Spier. Cita frequentemente alguns princípios, normas éticas que oferecem um novo modo de estar na vida, apesar do contexto à sua volta falar de morte. Luta para alcançar a paz interior e é significativo o facto de escrever quase sempre na primeira pessoa, excepto nos casos em que se auto-recrimina, recorrendo à segunda pessoa - «tu...», «Etty...».

Poucos dias depois do primeiro encontro com Spier, na anotação do dia 16 de Março, afirma que «as suas prioridades de vida mudaram um pouco». Compara o “antigamente” com o “agora”. Refere-se, por exemplo, a que antes tentava possuir tudo, absorver toda a beleza, o que lhe custava imensa energia. Desejava, inclusive, possuir em exclusivo Spier – «queria tê-lo» - mas esse desejo de posse apenas lhe causava infelicidade. Desejava ainda «“possuir” por palavras e por imagens», através da escrita, a realidade para depois «guardar tudo só para mim». Superou essa fase. Sente-se mais livre. Confessa que estaria sempre próxima de Spier, mesmo que ele fosse para a China e, agora, já não precisa de perguntar a Hans «cem vezes ao dia: “ainda gostas de mim?»». Estas conclusões são, como veremos, prematuras... a sua tendência para possuir permanece...

Dez dias depois da primeira anotação no Diário, Etty refere-se pela primeira vez ao contexto violento em que vive. Como resultado da lei de 10 de Janeiro de 1941, foi obrigada a recensear-se. Descreve a situação humilhante dela e de outros, inclusive das crianças, no lugar onde, silenciosamente e perante a frieza dos agentes, foram registadas. Etty parece evitar o tema. Limita-se a narrar, como se fosse uma observadora alheia à realidade, isolando o afecto que sobrevém de tal experiência, sem tirar ilações do que se passa. Termina a narrativa com uma frase irónica: «A Holanda é um bom lugar para viver» e, logo, o tema muda sem mais. Cita Spier, num conjunto de pensamentos espirituais (referências à Bíblia) e noções de psicologia tais como a sublimação e a repressão (*Diário*, 19/3/1941).

O Diário prossegue testemunhando as suas actividades diárias: a sua relação com Spier (ela sente uma forte atracção por ele, ao mesmo tempo que quer ajudá-lo a ser fiel à sua noiva, Herta Levi, que está em Londres), as suas leituras, os seus altos e baixos, a sua procura, quase

ansiosa, das palavras certas e justas. Quer ser uma escritora e auto-censura-se quando não lhe «sai nada de jeito». As recriminações por se sentir incapaz de escrever com beleza e originalidade evidenciam a existência de um Superego severo. Mas, apesar da manifesta insatisfação, prossegue a escrita. Escrever é uma questão de vida e de morte. Como sublinha D. Costa (1996/1998), ela escreve não apenas como meio terapêutico – um caminho estreito para o seu auto-conhecimento e amadurecimento através da auto-análise – mas também porque deseja (manifesta-o explicitamente) ser escritora.

Entretanto, a 25 de Março, um inesperado acontecimento perturba-a profundamente: o antigo professor de russo, Van Wijk morre como consequência indirecta da guerra. No dia seguinte, a 26, volta a manifestar-se incrédula face à morte do amigo. Depois de ter escrito consecutivamente dias a fio, entre 27 de Março e 4 de Maio, Etty fecha-se num silêncio em que nada há escrito. Recomeça, a 5 de Maio, exprimindo o desejo de voltar a pôr «alguma luz no seu tenebroso caos». Para isso, diz dispensar a ajuda de Spier, mas pouco depois evoca tempos passados com ele, refere-se aos conteúdos das suas orientações e sugestões de leitura, a Bíblia e Tomás Kempis⁵. De novo, durante várias semanas, Etty volta a estar ausente. Retoma o Diário a 8 de Junho com um propósito claro: «de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora “para dentro”, a escutar o que está dentro de mim. “*submergir-me*”». Planeia, então, um tempo diário de meditação, porque «não basta mover os braços e as pernas.... O ser humano é corpo e alma». É preciso estar preparada e a meia hora de ginástica e a outra meia hora de meditação podem, nas suas palavras, «formar uma larga base de calma e concentração para o dia inteiro». Mais à frente, explicita o objectivo da meditação: «que, por dentro, uma pessoa se torne uma planície grande e ampla, sem o matagal manhoso, que esconde a vista. Que, portanto, alguma coisa de “Deus” penetre em ti tal como há algo de “Deus” na Nona de Beethoven» (*Diário*, 8/6).

As prolongadas pausas alternadas por uma escrita consecutiva e abundante, sugerem que estes períodos estão associados ao seu estado de espírito. Tudo parece estar dentro dos limites do “normal”, do “estável”, do “suportável”, quando escreve. Ao contrário, quando o impacto de algum acontecimento é muito forte, Etty recolhe-se no silêncio, deixando páginas por escrever, como se, de tempos a tempos, o curso da história a obrigasse a recolher as armas, os meios através dos quais ela acede ao mais íntimo de si mesma, através da auto-

⁵ Tomás Kempis (1379-1471) é um dos principais representantes de uma corrente de espiritualidade na Igreja Católica denominada “Devotio Moderna”. É-lhe atribuída a autoria de *A Imitação de Cristo*, um livro de devoção que ainda hoje é publicado.

análise, da escrita, evitando assim, propositadamente, lidar com algo doloroso e indesejado. As últimas anotações do primeiro livro do Diário são reveladoras desta variabilidade afectiva com consequências na escrita. No dia 19 de Junho, escreve, na segunda pessoa, um conjunto de admoestações: «perdeste o contacto de ti mesma. A tua depressão aumentou...» e seguem-se semanas sem escrever, até 4 de Julho:

«Há um desassossego em mim, um desassossego bizarro, diabólico, que poderia ser produtivo se eu o soubesse utilizar. Um desassossego *criador*. Não se trata do desassossego do corpo. Nem mesmo dúzias de excitantes noites de amor lhe conseguiriam pôr fim. É um desassossego quase “sagrado”. Ó Deus, toma-me na tua grande mão e torna-me o teu instrumento, faz-me escrever».

E nesse desassossego apaga-se de novo, durante um mês. Retoma a escrita, num novo caderno, a 4 de Agosto.

Segundo caderno: De 4 de Agosto a 21 de Outubro de 1941.

Etty abre o segundo caderno com uma citação de Spier: «o amor pela humanidade é mais belo que o amor por um homem. Porque quando amamos uma pessoa estamos, na realidade, a amar-nos a nós mesmos» (*Diário*, 4/8/1941). Etty disserta sobre a citação. No seu entender, ao contrário de Spier, está ainda, como outras mulheres, destinada a amar uma pessoa, numa procura narcísica de si mesma. Discorre sobre a emancipação das mulheres - «ainda está por realizar» - e admite que elas continuam «atadas e agrilhoadas por tradições seculares». As páginas sucedem-se numa espécie de monólogo sobre a sua relação com Spier: «amo-o?, Sim, imenso. Como homem? Não, não como homem, mas como pessoa». A afirmação parece, no entanto, ser contrariada pouco depois, quando discorre sobre a natureza de um beijo dado junto à «urze». Confessa que procura sempre saber as probabilidades sexuais de um homem. A sua relação com Spier é, no seu entender, marcada por um desafio mútuo e constante em busca de superação dos impulsos eróticos. As primeiras anotações do segundo caderno estão também carregadas de sentimentos negativos. Etty manifesta-os sem

receios: «às vezes sinto-me como se fosse um caixote do lixo, tenho tanta turbacão, vaidade, meio-termo e inferioridade em mim [...] Às vezes desejava estar numa cela conventual...».

Significativas são as anotações dos dias em que foi visitar os pais a Denver. Desejava escrever calmamente sobre a conversa que manteve com eles, mas diz não ter paciência (*Diário*, 7/8/1941). Um dia depois, a 8 de Agosto de 1941, no entanto, parece não ser capaz de conter a sua fúria em relação à mãe:

«“Gralha, estafermo, deixa de te lamentar dessa maneira, pois, pois, palra praí à vontade”. Estas são as minhas reacções interiores quando a minha mãe fala comigo. A mãe é uma pessoa que sabe exasperar os outros até à medula. Tento vê-la objectivamente e também amá-la um pouco, mas de súbito digo para mim mesma do fundo do coração: “Que pessoa mais ridícula e doida que tu és”» (*Diário*, 8/8/1941).

O texto prossegue cheio de lamentações, uma atitude que ela critica na mãe. Acusa-a de pensar apenas no racionamento de alimentos, de centrar-se na sua saúde, de ser uma má dona de casa, mas que se julga perfeita. E conclui: «aqui, a cabeça torna-se-me cada vez mais pesada. Enfim, paciência. A vida aqui em casa é destruída por ninharias». Pouco depois, termina com uma observação reparadora – «e agora acabou-se este garatujar insignificante» (*Diário*, 8/8/1941).

Dois dias depois, anota o dia e o lugar onde escreve: «Domingo de manhã, na cama, o único lugar nesta casa onde se pode estar sozinha». Como que a justificar esta introdução fora do comum, acrescenta: «aqui, nesta estranha família, existe tanta mistura indescritível de barbarismo e cultura que tu perdes todas as tuas forças». No mesmo sentido, a 13 de Agosto volta a fazer longas críticas ao ambiente familiar:

«Lá em baixo é um pandemónio, o pai berra: “então vai” e bate com as portas; também isso dever ser ultrapassado, e agora eu choro – berro de repente, portanto ainda não sou tão objectiva como isso, na realidade não se consegue viver nesta casa [...] isto aqui é um inferno!» (*Diário*, 13/8/1941).

Diz também que uma pessoa «não deve fechar os olhos a coisa nenhuma, deve entender-se com esta época terrível e tentar encontrar respostas à quantidade de questões da vida e de morte que ela nos coloca». A passagem denota o recurso à racionalização, meio

através do qual se auto-convence a perseguir os seus intentos: ser escritora, como foram grandes os escritores que ela sofregamente lê. Nesta situação duplamente infernal (familiar e social), sente-se como uma «estaca no mar enfurecido, fustigada por ondas de todos os lados». Talvez essa ideia de firmeza, no meio da adversidade, provenha do facto de sentir que tem uma tarefa especial no tempo que lhe foi dado viver. Quer ser a cronista desses tempos: «tudo aquilo que me rodeia deve ser pensado até atingir o entendimento e ser mais tarde escrito por mim» (*Diário*, 13/8/1941).

Escrever é resultado de um processo. Para usar uma expressão cara a Bion (1962/2003), a «máquina de pensar os pensamentos» elabora o vivido que, posteriormente, é gravado no papel. Mas, como no Primeiro Caderno, Etty evita o Diário quando algo de muito forte ocorre. A ausência do acto “escrever” remete para um sofrimento cujas palavras não podem ser pensadas, dando lugar, por isso, ao silêncio que, por si mesmo, é revelador. Por outro lado, porém, para Etty, escrever é também um modo de sobrevivência porque, nesse acto simples de desenhar letras num papel quadriculado abre, ao mesmo tempo, caminho para o mais íntimo de si mesma («*submergir-se*»). Sem a escrita, Etty corre o risco de perder o contacto consigo, no que lhe é mais genuíno, mais autêntico, os seus sonhos e valores. Escrever é uma forma de resistência, porque enquanto escreve, a autora encontra razões para que a vida continue a ter sentido, apesar de toda a adversidade. Então, escrever é um acto continuamente urgente que não pode ser adiado: «Eu irei obrigar-me a escrever, todos os dias, mesmo que sejam apenas algumas palavras» (*Diário*, 19/2/1942). A sua escrita e a escrita dos outros (de Reiner Maria Rilke, de Dostoiévski, da Bíblia, de Spier, Agostinho) torna-se como um *leitmotif* ao longo do Diário. Procura «clareza na escrita» (*Diário*, 4/8/1941); deseja «capturar a vida em fórmulas criadas por ela» (*Diário*, 4/10/1941); auto-censura-se pela falta de originalidade.... E, em certas alturas, escrever é uma obsessão que quase não consegue deter: «Eu disse-te para dormires, não disse, em vez de estares a escrever coisas que ainda não consegues expressar devidamente» (*Diário*, 13/8/1941).

É também neste Segundo Caderno que Etty, pela primeira vez, revela uma procura de algo de si que é Deus:

«Dentro de mim há um poço muito fundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e cascalho no poço, e aí Deus está soterrado. Então é preciso desenterrá-lo.» (*Diário*, 26/8/1941).

O que é que a palavra «Deus» significa para Etty? Por que é que O procura? Por agora, será prematuro fazer inferências. Por agora, detendo-nos no texto, observamos que a vida não lhe corre bem. Passa uns dias sem escrever e, na primeira anotação datada de 4 de Setembro, escreve: «sinto-me outra vez infeliz». Lembra-se do remédio que outras pessoas procuram para atenuar esse sentimento pesado de infelicidade: «metem-se na bebida, ou vão para a cama com o primeiro que encontram». O caminho dela, sublinha, será outro: «quero ouvir-me por dentro». Anota uma experiência onde, de cabeça curva, sentada no chão, entalada entre duas paredes, a um canto, procurou o silêncio. Pouco depois, no mesmo dia, diz que gostaria de «viajar para muito longe. E todos os dias ver outras pessoas que nesse caso não deviam ter nomes» (*Diário*, 4/9/).

O sentimento de insatisfação e de infelicidade, no entanto, continua como podemos ver no dia 9 de Setembro: «Ando tão triste, tão extremamente triste nos últimos dias». Seguidamente, analisa a causa dessa onda de tristeza: Spier. Ele é descrito não apenas como um objecto sexual desejado, mas também idealizado, a materialização do ideal de si: «nunca conheci ninguém que possua tanto amor, força e inabalável auto-confiança» (*Diário*, 9/9). Um objecto desejado mas, simultaneamente, temido e evitado: « devia ir para o fim do mundo para me ver livre dele » (*Diário*, 9/9). A dor interior, provocada pela ausência de resposta por parte do objecto desejado tem, como descreve, consequências somáticas: «a dor de estômago, a tensão, aquela sensação de aperto por dentro e aquela impressão de ser esmagada por um grande peso...» (*Diário*, 9/9). Por isso, admite, a morte seria uma libertação:

«Quando ontem depois do curso voltava de bicicleta para casa, tão indizivelmente triste e carregada por dentro, e ouvi os aviões por cima de mim, a percepção repentina de que uma bomba poderia pôr termo à minha vida deu-me uma sensação de liberdade. Isso tem-me acontecido muito nos últimos tempos, parecer-me mais fácil deixar de viver do que continuar a fazê-lo» (*Diário*, 9/9/1941).

Depois de vários dias sem escrever, no dia 25 de Setembro, evoca o prazer na relação com Spier para, de seguida, fazer uma crítica severa às mulheres que, como ela, procuram eternizar-se no homem: «quero que ele diga: “querida, és a única de todas e amar-te-ei eternamente”». Racionaliza, vê nisso uma procura do «absoluto, do paraíso» e, concluí, «isso é uma ficção». As páginas testemunham a luta interior da autora. Na cama com Hans, pergunta-lhe: «Achas que alguém como eu devia casar?» (*Diário*, 6/10/1941). Ao mesmo

tempo, admite que não seria capaz de ser fiel a um só homem, «não por causa de outros homens, mas porque eu própria consisto em muitas coisas» (*Diário*, 6/10/1941). O casamento não será o seu caminho, porque afirma estar comprometida num «processo de espiritualização», um processo de que, por vezes, sente vergonha e que consiste «numa espécie de amor e compaixão originais pelas pessoas, por todas as pessoas» (*Diário*, 6/10). E esse processo, que aponta para um caminho diferente do “caminho comum”, estará cada vez mais em evidência nas páginas dos cadernos que, de seguida, apresentamos.

Terceiro Caderno – De 21 de Outubro a 6 de Dezembro de 1941.

No mesmo dia em que termina o Segundo Caderno, a 21 de Outubro, continua a escrever, já no terceiro, sobre esse processo de “espiritualização”, desta vez manifestada na luta pela autonomia interior, deixando de esperar dos outros «refúgio» para si: «os outros são», justifica, «igualmente incertos, fracos e impotentes como tu». Neste Terceiro Caderno, encontramos auto-repreensões por estar a ruminar uma ideia:

«Ó Deus, dá-me de manhãzinha menos pensamentos e mais água fria e ginástica» (*Diário*, 22/10); «És uma tontinha! Deixa os miolos em paz» (*Diário*, 23/10).

Sintetiza o conteúdo desse pensamento obsessivo nas seguintes princípios:

«Querer regressar à escuridão, ao ventre materno, ao colectivo. O tornar-se independente, o achar a própria forma, conquistar o caos» (*Diário*, 23/10)

A afirmação é paradoxal: por um lado, deseja a fusão com o colectivo; por outro, quer ser independente. A 24 de Outubro, Etty faz uma breve alusão aos novos decretos contra os judeus. Como que contrariando o seu «processo de espiritualização», escreve que consentiu deixar-se ficar «deprimida e desassossegada» apenas «durante meia hora». O texto, no entanto, prossegue com recomendações auto-motivadoras e moralizantes: «tens forças suficientes em ti», «estás saudável, estás a avançar para ti própria, a chegar à tua própria base». O esforço feito para se manter distante da realidade, na procura de chegar a essa

«base», o seu íntimo, tem consequências que, de tempos a tempos, deixa transparecer. Poucos dias depois, a 30 de Outubro, por exemplo, escreve solitariamente durante a manhã:

«Medo da vida a todo o comprimento»

Depressão total. Falta de confiança. Repugnância. Medo».

De 31 de Outubro até 10 de Novembro, não temos notícias de Ety. Retoma o Diário com a seguinte auto-crítica:

«...a um determinado momento uma pessoa reencontra-se às voltas com a mesma questão: a compulsão que tens em ti ou essa ficção ou fantasia, como lhe querias chamar, de querer possuir uma só pessoa por uma vida inteira, tens de a estilhaçar em mil pedaços. Esse absoluto tem de ser pulverizado dentro de ti».

O conflito interno entre o desejo de posse e a impossibilidade de uma relação estável é geradora de sentimentos agressivos - «estilhaçar... pulverizar». O recalçamento do afecto parece insuficiente. Entra em acção uma tentativa de anular em si o afecto associado ao objecto proibido.

É também neste Caderno que Ety revela mais detalhadamente o contexto familiar. A raiva e sucessivas reparações do objecto “mãe” são reflexo de um mal-estar constante e apelam para um conflito com que Ety não consegue, pacificamente, lidar. Nos longos comentários feitos à mãe, parece-nos verificar a existência do mecanismo de identificação projectiva. Ela não tem consciência de que a imagem criada da mãe é resultado de uma projecção sua, uma parte que ela odeia e com a qual, ao mesmo tempo, se identifica. Isso está particularmente patente nas anotações do dia 21 de Novembro de 1941. Recorrentemente critica a mãe por pensar apenas em comida. Contudo, ciclicamente, parece sofrer do mesmo problema: «dou cabo do estômago simplesmente por comer de mais. Devido à falta de domínio, portanto», afirma. Aprofunda o tema dizendo que «sente, por vezes, uma sofreguidão contra a qual não há raciocínio que ganhe». Procura uma atenuante à auto-crítica, racionaliza, afirmando que deve haver uma sofreguidão na vida espiritual. E de seguida analisa as causas da compulsão alimentar na imagem introjectada da mãe, com a qual se identifica.

Nas anotações desse dia 21 de Novembro de 1941, recorda um episódio grotesco. A mãe, numa festa, sentada numa mesa comprida, entre outras donas de casa. Comia. «Estava completamente concentrada naquilo. Comia com gula e devoção». Depois de descrever pormenores circunstanciais, desabafa no papel a cena da mãe como algo que a emocionou terrivelmente. «Repugnou-me, por um lado, o comportamento dela, mas ao mesmo tempo senti por ela uma enorme compaixão. Não consigo explicar». Etty não se fica por aí. Duas linhas depois, os qualificativos usados para apresentar a mãe a comer são demolidores:

«Havia nela algo terrivelmente patético e simultaneamente animalesco e repugnante. Foi assim que eu a vi. [...] Aquele medo [da mãe] de que lhe viesse a faltar algo na vida, e, devido ao medo, tudo acaba mesmo por faltar. Não consegue acompanhar a realidade» (*Diário*, 21/11/1941).

Por um lado, Etty reconhece que, objectivamente, a mãe era apenas mais «uma dona de casa num vestido de renda azul comendo sopa» mas, por outro, subjectivamente, prevalece o lado fantasmagórico, da mulher fútil, sujeita à satisfação imediata das pulsões mais primitivas, uma imagem que Etty parece intuir como uma ameaça, uma maldição que se materializará nela mesma. Entretanto, Etty afirma que esse medo de que algo de tão fundamental lhe falte, como a comida, a impede de viver na realidade. Não estará ela a projectar na mãe o medo que, como veremos, a impulsionará a formar uma neo-realidade? Fará sentido dizer que o medo da mãe remete para o seu próprio medo, o medo de ser igual à mãe e/ou a tantos judeus que, perante as adversidades das circunstâncias, como ela critica, apenas pensavam em coisas pequenas, fúteis a seus olhos? Etty, de algum modo, procura escapar à maldição de ser como eles, aqueles tantos que, nas suas palavras, «no último momento põem aspiradores a salvo e garfos e colheres de prata em vez de ti, meu Deus. E há gente que quer salvar o corpinho no qual se acolhem somente mil medos e rancores...» (*Diário*, 12/7/1942).

O pai, Louis Hillesum é descrito com mais compaixão. Mesmo assim, apresenta-o «desadequado», por quem «sente vergonha», «sentimentos de inferioridade diante de terceiros». Nas anotações de 30 de Novembro, a propósito de uma das visitas do pai à sua casa, em Amesterdão, escreve o seguinte:

«Quando ele chegou, o meu papá, com o guarda-chuva errado e o novo cachecol aos quadrados e muitas embalagens de sandes, quase desamparado, a vergonha surgiu de novo, o diminuir das forças, a inibição e o sentir-me completamente infeliz. Ainda à luz do debate da noite antecedente, senti rejeição por ele» (*Diário*, 30/11/1941).

Confessa, no entanto, que o incómodo advém do facto de sentir que tem algo de parecido com ele:

«As expressões de resignação, de humor, de dúvida, apelam a algo dentro de mim que tenho em comum com ele, mas a partir das quais necessito de me desenvolver mais» (*Diário*, 30/11/1941).

Etty parece temer o lado “odioso” do pai que lhe é comum. Luta contra ele. Esse lado “defensivo” do homem que se esconde por detrás de uma «grandeza filosófica totalmente genuína», «mas vaga, sem aprofundar nada», sabendo, inclusive, «que essas profundezas existem»; critica-lhe a desistência, a resignação, o não querer saber para não cair no caos, esse caos que, para Etty, é uma ameaça da qual tem de sair mas, na qual, no entanto, admite, recai constantemente. Talvez por isso, podemos observar que muitas das apreciações pouco vantajosas do pai são, em geral, seguidas de justificações com finalidades reparadoras, como se sentisse necessidade de restaurar o objecto que, impulsivamente, acabara de ferir.

Aquando do anúncio da eminente chegada do pai, Etty confessa a sua primeira reacção: «a minha liberdade está ameaçada. Que aborrecimento. O que é que eu vou fazer com ele?». Mas logo, como que esmagada por um sentimento de culpa, auto-censura-se duramente e dá largas a um Superego exigente e severo: «miserável, inútil, verme indolente que eu sou... sempre a pensar primeiro em ti, no teu precioso tempo». De seguida, recorrendo a uma passagem bíblica, na Carta de S. Paulo aos Coríntios (13, 1), procura argumentos moralizantes que motivem a mudança de atitude:

«“De que me serve tudo isso se não tenho amor?” Bonitas teorias para te sentires confortável e nobre, mas na prática tu te encolhes até dos mais pequenos actos de amor».

E o conflito dentro dela não termina com esta reprimenda pois, de novo, os impulsos agressivos parecem prevalecer quando, com um teor racionalizante, diz:

«O que é preciso não é apenas um pequeno acto de amor. É algo fundamental, importante e difícil. Amar os parentes do mais fundo de si mesma. Perdoar-lhes por todos os problemas que eles te infligiram pela sua grande presença» (*Diário*, 28/11/1941).

Deduz-se do texto que, para Etty, o amor devido ao pai não é algo natural, espontâneo, livre, mas algo que surge como um imperativo ético, moral. Pressupõe-se que tem de recorrer à racionalização, à moralização como meio para se aproximar, tolerar a coexistência com ele. Contudo, apesar de Etty “pintar” os membros do agregado familiar de um modo pouco apreciável, não podemos concluir que a qualidade da relação entre ambos tenha sido sempre assim. A evolução dos acontecimentos, a crescente ameaça externa, favorecerá a expressão de gestos e atitudes de maior unidade, de suporte mútuo e inter-ajuda. Um exemplo, entre os vários possíveis deste novo modo de relação, chega até nós através de uma carta escrita pelo punho da mãe. Nela refere-se à filha com termos como «valente», «corajosa» e pede-lhe que não trabalhe tanto, que procure alimentar-se devidamente e incita-a a escrever-lhes pois considera as cartas da filha fascinantes (cf. Carta n. 75, 21/7/1942).

Com a evocação de episódios familiares em que a carga genética patológica é referenciada como pretexto para a interrupção voluntária da gravidez, o Terceiro Caderno chega ao fim. Etty convence-se de ter salvo uma vida. Entretanto, para trás ficaram sinais que evidenciam o estreitamento numa nova relação – Etty e Deus – na esperança de encontrar um lugar seguro, «na mão de Deus», a partir do qual se dispõe a irradiar algo de amor:

«Deus, pega-me pela mão, acompanhar-te-ei bem comportadamente, sem muita resistência. Não me desviarei de nada do que nesta vida vier de encontro a mim, tentarei integrar tudo em mim com as minhas melhores forças. Mas dá-me de vez em quando um momento de sossego. Também não pensarei mais, na minha ingenuidade, que essa paz, se ela vier, será eterna; hei-de aceitar igualmente o desassossego e a luta que hão-de vir outra vez. Gosto de me sentir abrigada e segura, mas não irei revoltar-me se for exposta ao relento, desde que seja pela Tua mão. Hei-de acompanhar-te

sempre guiada pela tua mão e tentarei não ter medo. Hei-de tentar irradiar algo do amor, o verdadeiro amor ao próximo, que tenho dentro de mim, onde quer que eu esteja» (*Diário*, 25/11).

Quarto Caderno – De 8 de Dezembro a 24 de Janeiro de 1942.

Iniciado a 8 de Dezembro, o quarto Caderno apresenta, na globalidade, um texto portador de um sentimento dominante de bem-estar, de paz, de satisfação, de gratidão pela vida, de quietude, como se «uma espécie de brandura a cobrisse», um «véu» protector tornasse a vida mais suave: «sinto-me reconciliada com a vida» (cf. *Diário*, 12/12). O tema levemente aflorado nos cadernos anteriores, em vagas persistentes de esperanças, num oceano predominantemente cinzento, triste e encrespado, ganha espaço a partir de agora com mais consistência: «a vida é grandiosa e boa e interessante e eterna....» (*Diário*, 12/12). Com ligeiras variações, estas afirmações – a vida é bela, grandiosa, cheia de sentido... – serão repetidas uma e outra vez, nas páginas do *Diário* e, posteriormente, nas *Cartas*.

Esse estado de apaziguamento interior e de optimismo a partir do qual vê o mundo, apesar de toda a violência que a rodeia, como algo de bom, de belo, não significa que tenha superado aspectos que anteriormente a afligiam – as variações de humor, a hostilidade em relação aos pais, a incapacidade de se situar em relação a Spier. Agora, nesta nova fase, investe em si, no intuito de «escutar o próprio ritmo» e viver segundo os batimentos dessa nova melodia, sem ceder à tentação de que falsas ideias, acerca do que deve ser, a perturbem (cf. *Diário*, 12/12/1941). Portanto, as questões inquietantes de uma possível união com um homem, as ameaças que o contexto da época continuamente repetem à sua existência como judia são, entre outros assuntos, fechados num compartimento, isolados, para que possa “ouvir-se”. E nessa procura, a «rapariga que não sabia ajoelhar-se» (*Diário*, 21 e 22/11/1941) encontra, nesse gesto «tão íntimo como os gestos amorosos» (*Diário*, 14/12), mas também tão embaraçoso, algo de novo, a partir do qual exprime uma atitude de profunda gratidão:

«Meu Deus, agradeço-te por me teres criado como eu sou. Agradeço-te por às vezes poder estar cheia de vastidão, essa vastidão não é senão o estar repleta de ti. Prometo-te que toda a minha vida há-de ser uma luta para atingir a bela harmonia e também a

humildade e o amor verdadeiro de que sinto ser capaz nos meus melhores momentos» (*Diário*, 12/12/1941).

Entretanto, apesar de todos os propósitos, a realidade é tão evidente que, apesar de se distanciar e de a isolar, pergunta-se perplexa: «por que razão é que esta guerra, e tudo o que se relaciona com ela, me atinge tão pouco?» (*Diário*, 14/12/1941). Na verdade, o desejo de se proteger do que lhe é exterior, fá-la mergulhar cada vez mais dentro de si mesma, como constata, poucos dias depois, no último dia do ano de 1941:

«Agora, preciso de me ajoelhar, às vezes de repente, até mesmo numa noite fria de inverno, em frente à minha cama. E o *escutar-se*. O deixar-me guiar, não mais por aquilo que me atinge exteriormente, mas por aquilo que emana de dentro de mim» (*Diário*, 31/12).

Os temas incómodos, como a relação com os pais, são também aflorados. Culpabiliza-os pelo excesso de liberdade que lhe foi concedida durante a infância, uma liberdade que se assemelha a um abandono efectivo, resultante da incapacidade de ambos estabelecerem princípios orientadores para os filhos (*Diário*, 22/12). Em casa dos pais, em Denver, a mãe é descrita com um misto de simpatia e de irritação (*Diário*, 30/12) e a relação com Spier parece mais serena: Etty acompanha-o ao Conselho Judaico para que seja registado, fala com ele com ternura, com desejo, «não pelo corpo», mas pelo que ele representa, «cosmicamente» (*Diário*, 11/1).

Por tudo isto, Etty considera viver um «período de florescimento». À luz desse «florescimento», revê páginas do *Diário* e considera-as «literatura clássica», isto é, algo distante de si, de um passado longínquo. Agora, sublinha, não precisa de dormir uma sesta de 2 horas, nem de tomar meio quilo de aspirinas. Sente-se grata por ter percorrido um «caminho difícil até reencontrar esse gesto íntimo para Deus» (*Diário*, 11/1). E, no dia do seu aniversário, a 15 de Janeiro, o sentimento de satisfação continua presente:

«Deus, eu agradeço-te. Eu agradeço-te por queres habitar dentro de mim. Agradeço-te por tudo».

Quinto Caderno – De 16 de Fevereiro a 27 de Março de 1942.

«Procuro encontrar o caminho, uma vez mais, para mim mesma através das palavras de Reiner M. Rilke». Desta forma inicia o quinto Caderno Diário, com uma, entre muitas citações do poeta. A interacção com ele é intensa e absorvente. Só esporadicamente se refere à guerra, aos seus sinais, às vítimas que, inexoravelmente, vão aumentando e que, de alguma forma, lhe são familiares.

No dia 19 de Fevereiro, pelas duas da tarde, menciona o que lhe causou mais impressão: «as grandes mãos roxas, devido ao inverno, de Jan Bool». E continua: «houve outra vez alguém torturado até à morte». Recorda os professores vítimas da perseguição, os métodos humilhantes do regime opressor que visavam «tornar selvagens [os presos] a fim de lhes induzir um complexo de inferioridade». Em reacção à agressão, Etty, ao contrário dos seus amigos, admite «pregar» uma novidade contra a corrente: «a maldade dos outros também está dentro de nós» e, por isso, só vê uma solução: «retornar ao centro e daí erradicar toda a maldade» (*Diário*, 19/2).

Esta ideia de regressar ao centro para, a partir daí, viver “inocentemente”, é retomada, poucos dias depois, a 27 de Fevereiro, quando relata um insólito episódio na passagem pela Gestapo com Spier. Um jovem oficial agride-a verbalmente em reacção à atitude sorridente (e provocadora?). Grita-lhe. Na sequência do sucedido, poucas horas depois, escreve no Diário: «uma pessoa constrói o seu próprio destino a partir de dentro». O contexto adverso motiva a emergência de defesas como a denegação que a impedem de não reconhecer o medo latente: «na realidade não estou com medo», conclui. Racionalizando, justifica o destemido comportamento com um objectivo: «tentar entender toda e qualquer expressão de quem quer que seja». Compreender significa desmistificar. Por isso, diz até sentir «compaixão sincera pelo rapaz» [o jovem agressor], é «digno de pena» porque, justifica, «o criminoso é somente o sistema que usa estes tipos». Face à violência externa, Etty confessa ainda «não ser capaz de odiar as pessoas», mas apenas temer os sistemas que potenciam o mal em cada homem.

Interiormente, Etty prepara-se para o pior: reconhece que o futuro é sombrio: «havemos de ser separados de todos os que nos são queridos» (*Diário*, 12/3), mas no seu entender, «quando uma pessoa leva uma vida interior, talvez nem haja assim tanta diferença entre estar fora ou dentro dos muros de um campo» (*Diário*, 12/3). E repete, uma e outra vez, como que para se convencer: «E no final de cada dia, sinto a necessidade de dizer: a vida é muito bela, apesar de tudo é muito bela!» (*Diário*, 12/3).

De novo, neste quinto caderno, Etty disserta sobre o tema Spier. Determinada, procura consolidar um novo tipo de relação, motivada não pela atracção física (*Diário*, 20 e 25 de Fevereiro; 17 e 20 de Março de 1942), mas, ao mesmo tempo, sente-se incapaz de controlar totalmente os seus desejos. Descreve, neste contexto, a sua afeição pelos dois homens «de cabelo grisalho», ambos com mais de 50 anos. Na cama com Hans, depois de consumado o acto sexual, suspira pela presença de Spier (*Diário*, 25/2; 22/3).

O leque das relações de Etty com outras mulheres é cada vez mais evidente. Assume particular importância, nesta fase, a relação com Tide, uma jovem cristã, com quem Etty aprende a viver numa atitude de confiança e agradecimento a Deus; Lesiel, por quem sente uma atracção erótica.

Na última anotação deste caderno, Etty questiona-se se o que vive é realmente a sua vida. Uma questão significativa que a surpreende como se fosse algo inesperado: apesar da guerra, dos tantos sinais que vão aparecendo, aqui e ali, com a categórica imposição «Proibido a Judeus» (*Diário*, 22/3), a vida é-lhe apresentada como «tão cheia, tão rica, tão intensa e tão bonita» (*Diário*, 27/3). Isto deve-se, no seu entender, à nova atitude, à consolidação de uma vida interior. Por vezes, integra tudo, como que anulando as evidentes contradições; outras vezes, como em “flashes” de luz, apercebe-se da estranheza do seu discurso, como se dissesse para si mesma: afinal há tantos horrores neste momento à minha volta e eu continuo a achar que a vida é bela. Será mesmo?

Sexto Caderno – De 27 de Março a 30 de Abril.

De novo Reiner M. Rilke é citado na abertura num novo caderno. Como se ainda não tivesse a segurança necessária para expressar o que sente, recorre às palavras do poeta. Rilke é como «um oceano no qual nada cada vez mais fundo» (*Diário*, 3/4); vive completamente absorvida por ele (*Diário*, 4/4); sente-se cúmplice, próxima dele, escreve sobre a sua influência e pergunta-se se ela, com 28 anos, já alcançou o mesmo nível que ele alcançara, aos 28 anos, altura em que escreve as famosas *Cartas ao Jovem Poeta* (1903/2004) (cf. *Diário*, 8/4).

Em certos casos, a proximidade imaginária com Rilke, sugere-nos o desejo de se tornar num “alter-Rilke”. O texto do dia 22 de Abril, por exemplo, apresenta Rilke como um objecto idealizado, um objecto à luz do qual procura construir a sua original identidade.

«[tenho] fervoroso desejo: o de ler todo o Rilke – tudo o que ele escreveu, cada letra – interiorizá-lo para, logo de seguida, expulsá-lo, esquecer-lo e viver segundo a (minha) própria essência».

Outro aspecto que a aproxima dele é o amor pela cultura Russa. Etty anseia viajar pela Rússia. Tendo como sonho ser a medidora entre a Rússia e a Europa, Etty reaviva espontaneamente sonhos e fantasias de um *self-ideal*, como uma criança as reaviva inocentemente, em tempo de Natal:

«Mais tarde partirei para a Rússia, como embaixadora da Europa. Depois, voltarei à Europa como embaixadora da Rússia. A Europa está em mim, e muito mais tarde, tudo o que conheço, o que sinto, o que descubro por intuição, usá-lo-ei para compreender a Rússia e, depois, descrevê-lo-ei tal qual é, à Europa. Parece-me que, no fim, tudo isto resultará no seguinte: tudo o que conservo em mim, e em cuja perspectiva me construo, terá como finalidade compreender este extenso país, assimilá-lo e dar forma às experiências que poderei realizar nele. *Quem sabe?*» (Diário, 4/4/1942).

A forte atracção que Spier exerce sobre ela, fá-la discorrer sobre a dicotomia corpo *versus* alma (cf. *Diário*, 27/3/1942). Anseia por uma transformação: «uma mudança gradual do físico ao espiritual», um mudança que admite estar relacionada com o objecto Spier (*Diário*, 28/3/1942). A 1 de Abril, por exemplo, escreve sobre o tema que deseja como *leitmotiv* para si:

«Eu quero estar com ele quando o meu corpo for expressão da minha alma, jamais por causa apenas do meu corpo».

A dimensão espiritual, tão desejada, manifesta-se também no seu modo de ler a realidade: apesar da guerra, à qual esporadicamente faz menção (os aviões, os disparos, as bombas), ela centra-se nos aspectos belos do meio que a rodeia, as flores, as árvores, as cores

do céu, a temperatura amena da primavera, para daí concluir, recorrentemente, «que a vida é bela, sempre, apesar de tudo» (*Diário*, 28/3/1942). Justifica a sua filosofia de vida afirmando que, ao contrário da maioria das pessoas, ela não vai ceder à tentação de odiar. O medo é-lhe estranho, porque reconhece que a guerra é resultado do ódio que nasce no coração do homem e, de seguida, especula sobre um tempo em que, depois das cidades destruídas, irão surgir outras cidades e, mesmo assim, repete: «a vida é bela, continuamente bela» (cf. *Diário*, 28/3/1942).

O texto de 2 de Abril de 1942, remete-nos para uma realidade anteriormente anunciada, mas agora explicitamente desenvolvida: a atracção não apenas por Spier, mas também por mulheres, como Liesl, sua amiga, descrita como uma «figura delicada e de cabelo ondulado». Às apreciações da amiga, acrescenta que «o elemento sexual e erótico nela está gradualmente condicionado a um agir subordinado pelo papel do calor humano» (*Diário*, 2/4). Nesse mesmo dia, refere-se ainda a duas alunas, por quem sente particular afeição: descritas como objectos desejados, Loeki é uma rapariga de face sonhadora e de olhos infantis sobre quem, um dia, espera escrever um livro. De uma outra, anónima, cuja face se assemelha à de um jovem, diz ter com ela, regularmente, alguns sonhos. Dois dias depois, a 4 de Abril, volta a mencionar o lado «híbrido» desta jovem.

Uma constante, neste caderno, são as considerações entre Spier e Hans. A figura predominante é, sem dúvida, a de Spier. Compara-o, por exemplo, a «cimento que une todos os seus fragmentos e antigos amigos», «um livro que constantemente lê e relê» (*Diário*, 22/4), aquele «único» cujos corpos unidos parecem «respirar pela mesma boca» (*Diário*, 16/4). Mas, no regresso à casa onde vive, com Hans e outros, sente algo que associa a sentimentos de culpa. Por isso, dorme com Hans (*Diário*, 25/5).

Ao longo das páginas do VI Caderno é também evidente a obsessão pela escrita. Por exemplo, a 13 de Abril, diz que tem 1000 coisas para escrever, mas que seguramente vai omitir 999. O «acto escrever» sacia o desejo de permanecer em contacto consigo mesma, ao mesmo tempo que a aproxima do modelo idealizado com o qual se identifica – Reiner M. Rilke. A escrita satisfaz um impulso primário que ela, por vezes, não é capaz de conter: «às vezes tenho o febril impulso de escrever tudo, absolutamente tudo o que experimento». O tema «escrever» aparece e reaparece constantemente (*Diário*, 22, 24 e 26 de Abril) em longas páginas, misturado com outros tantos, sendo constante o sonho de um dia dizer de um modo certo, belo e original o que experimenta: «eu preciso muito de escrever alguma coisa, dar expressão a algo inefável dentro de mim o qual clama por sair» (*Diário*, 24/4).

Depois de discorrer sobre assuntos vários, surge de novo o fantasma da guerra através de Spier: «Vens cá com a tua estrela amarela?» (*Diário*, 29/4). Em finais de Abril desse ano, os judeus residentes na Holanda, com mais de 6 anos, foram abrigados a usar uma estrela de David de uma forma bem visível. Em reacção às novas medidas, Etty escreve um impressionante discurso, afirmando que é mais forte do que os terrores vindos do exterior. A consolidação do “mundo interior”, a certeza de partilhar o mesmo destino com aquele que ela ama - «estou feliz por ele ser judeu e eu judia», sublinha – favorece um predomínio de sentimento de auto-confiança face às circunstâncias adversas. Assim, repete que não há razões para ter medo, pois tudo lhe parece insignificante «quando comparado com as riquezas e as possibilidades que há em nós» (*Diário*, 29/4). Na realidade, a ameaça externa contribuiu para que Etty invista ainda mais em Spier. Manifesta-se disposta a estar ao lado dele, em qualquer canto do mundo. Na última anotação deste caderno, a 30 de Abril, Etty deslinda os vários cenários na sua futura relação com Spier – o facto de ele estar comprometido com Hertha, por exemplo, constitui um obstáculo que ela retoma uma e outra vez, com nuances de culpa, por ser motivadora da infidelidade dele.

Sétimo Caderno - não chegou até nós

Oitavo Caderno – De 18 de Maio a 5 de Junho de 1942.

Certamente o menos extenso de todos, Etty abre-o exprimindo a sua raiva para com uma conterrânea que, sem escrúpulos, levava famílias inteiras à destruição denunciando-as à Gestapo. Como forma de se defender à violência do contexto e de todos os sentimentos agressivos que surgem, ergue muros altos dentro de si, através da oração, como se construísse para si um convento protegido, lugar onde procura manter-se viva, inteira e «una»:

«Recolher-se na cela fechada da oração torna-se para mim uma realidade cada vez maior e também uma necessidade. Essa concentração interior ergue muros altos em meu redor, dentro dos quais novamente me reencontro, formo um todo, fora do alcance das minhas dispersões» (*Diário*, 18/5).

A oração e a escrita são duas formas a que Etty recorre para permanecer em contacto consigo mesma, com o seu mais íntimo atenuando, desta forma, o confronto com uma dura realidade que, certamente, seria causa de desestruturação, isto é, deixaria de ser «um todo». Continua, por isso, a investir em si, nos aspectos belos da vida, omitindo os horrores que diariamente ocorrerem. No dia 19 de Maio, justifica esta atitude dizendo ter consciência do que sucede e «tentar entender e analisar um pouco». Defende-se, no entanto, daqueles que a chamam «ingénua» argumentando que não é uma sonhadora, uma pessoa alheada da realidade - «eu não estou aqui instalada num quarto sossegado com flores, mergulhada em poetas e pensadores e louvando a Deus». Tem o seu modo de ver a realidade, onde há lugar para a esperança e, por isso, diz, dirigindo-se a Deus: «continuo a louvar a tua criação».

Spier, de novo, o objecto desejado, é tema de várias páginas: «quer ser a esposa dele» (*Diário*, 23/5) e está disposta a ir com ele até «só Deus sabe onde para o apoiar» (*Diário*, 29/5). Contudo, paira o sentimento de culpa por se considerar uma ameaça ao vínculo que o une a Hertha. Discorre sobre a matéria, várias vezes, ao longo das páginas do dia 23 de Maio. Como se de um nó se tratasse, por mais tentativas que fizesse, é incapaz de o desfazer: Spier é noivo de Hertha; Etty deseja ser sua esposa; Spier, apesar de alimentar a relação com ela com contornos intimistas, mantém-se como aquele que espera a noiva ausente.

Esta ambivalência por parte dele, a não resposta satisfatória à necessidade tantas vezes explícita de Etty de ser a «exclusiva dele», dá azo a um mal-estar. Ela sente-se, por vezes, incapaz de explicar este dilema. A sublimação dos afectos será um caminho viável: a 4 de Junho escreve que tem de ter coragem para deixar de ser a sua colaboradora na quirologia, com o pretexto de pretender dedicar mais tempo aos estudos russos. O mundo oferecido por autores como Rilke, Dostoyevsky, St. Agostinho e Jung é o espaço com o qual ela se compromete. Tendo-os como modelos, escreve e acredita que um dia também será uma escritora. E o sonho de ser escritora serve-lhe de bálsamo para o presente: «as noites longas, em que eu me irei sentar e escrever, hão-de ser as minhas noites mais bonitas».

Nono Caderno – 5 de Junho a 3 de Julho de 1942

Salvo raras excepções, Etty escreve longamente cada dia que passa neste caderno. As temáticas referenciadas nos cadernos anteriores ressurgem com outros desenvolvimentos. A

ambivalência em relação a Spier parece chegar a um ponto de maior clarificação: escreve uma carta imaginária a Hertha que está em Londres e, depois de discorrer sobre o desejo de casar com ele, pergunta-lhe directamente quando é que isso poderá ser. Pouco depois, escreve que não quer casar com ele, que não tem perfil de esposa...

Neste caderno, surgem recorrentemente sinais de fragilidade física da jovem escritora: as dores de cabeça, o mal-estar, o estômago, os sintomas pré-menstruais. Etty queixa-se uma e outra vez e afiança, mais tarde, que, num campo de concentração, não duraria mais de três dias.

Outro aspecto que nos merece principal destaque é o aumento das referências ao contexto da época – a intensificação da presença ameaçadora da ideologia nazi – e as consequências na vida quotidiana de Etty. Como se já não fosse possível negligenciar o que se passa à sua volta, Etty experimenta sentimentos de culpa quando ouve dizer que há pessoas que são obrigadas a viver, as oito juntas, num espaço pequeno, enquanto ela tem um quarto enorme e soalheiro (cf. *Diário*, 29/6/1942); ou sente «obrigações morais» por, ao contrário da maioria das pessoas do seu país, viver em condições excepcionalmente boas. Essas vantagens, no entanto, são para ela uma pesada responsabilidade que a impele a trabalhar mais intensamente (*Diário*, 19/6/1942). Por isso, são recorrentes os excertos de auto-censura quando essa obrigação não é devidamente cumprida ou quando, por qualquer motivo, se sente abatida e triste. Num sábado pela manhã, a 13 de Junho, por exemplo, depois de discorrer sobre a sua relação com Spier, de repente, auto-censura-se duramente:

«E tem muita vergonha nessa cara. E põe a tua mente em ordem e não aborreças os outros com as tuas susceptibilidades [...] E não vivas assim consoante uma disposição e um momento, um momento sonolento ainda para mais, mas continua a ver as grandes linhas e o grande caminho. E pronto, está bem, fica triste, triste de uma maneira normal e sincera, mas não construas esses dramas à tua volta. Também no entristecimento uma pessoa deve permanecer simples, de outro modo não se trata senão de histeria. Devias encarcerar-te numa cela despojada e obrigar-te a ficar tanto tempo sozinha contigo própria...».

A censura prossegue ainda, com diferentes variações, nos dias seguintes.

No texto que diariamente nasce em cada página de um caderno escolar, assiste-se a uma mudança de focagem relativamente à centralidade temática. O tema “Spier” cede lugar

ao “contexto” e suas consequências. No dia 25 de Junho, transcreve um excerto de uma carta do pai, com uma alusão às novas medidas: «chegou à era sem bicicleta». Etty encara o acontecimento com humor, dizendo que agora, «já não teme que elas sejam roubadas». E acrescenta, numa clara alusão à história do seu povo: «Naquele tempo, no deserto, tivemos de passar 40 anos sem bicicleta» (*Diário*, 25/6). Poucos dias depois, a 29 de Junho, torna-se bem claro para Etty qual é o verdadeiro propósito dos opressores: o extermínio total dos Judeus. Por essa altura, a rádio inglesa, a BBC, comunica que 700 000 judeus na Alemanha e nos territórios ocupados já tinham sido mortos. Desta notícia, surgem outros tantos rumores sobre o que se passa na Polónia. De tão cruel, até parece irreal: será só um boato?

Como que para atenuar o choque, Etty enceta um longo diálogo com Deus, afirmando que não é Ele que deve dar explicações sobre o que se passa, mas sim o homem. E esse diálogo revela como, na relação com o divino, se sente como se nada a pudesse alguma vez afectar:

«Já morri mil mortes em mil campos de concentração, sei de tudo e também já não fico apoquentada com novas notícias. De uma ou de outra forma, já sei tudo. E todavia, acho esta vida bela e cheia de sentido. De minuto a minuto» (*Diário*, 29/6).

Mas os reflexos desta trágica notícia prolongam-se pelos dias seguintes, como podemos constatar no silêncio de 2 dias e, no dia 1 de Julho, quando retoma a escrita diária, refere já ter «interiorizado toda a trágica informação dos últimos dias». Evoca o extermínio na Polónia ainda como uma possibilidade, uma ideia que não lhe é indiferente, pois é novamente repetida, no mesmo dia – «Eu creio em Deus, mesmo quando daqui a pouco os piolhos me devorem na Polónia» – e no dia seguinte, a 2 de Julho: «Estou na Polónia todos os dias, nos campos de batalha...».

No dia 3, completamente exausta depois de uma longa caminhada (como judia, não podia recorrer à bicicleta nem entrar em transportes públicos), dá sinais de estar vencida: «é o nosso extermínio, acerca disso ninguém deve ter ilusões. Eles querem a nossa destruição total». Etty manifesta o seu desalento, não por si só – refere-se com humor à bolha do pé de tanto andar – mas pelos outros: pelas crianças que têm de caminhar, sob o sol quente de verão, durante horas, para irem à escola; pelas longas bichas para arranjar alguns legumes, etc. Apesar de tudo isso, repete para si mesma, uma e outra vez (talvez no intuito de se auto-convencer), nesse dia 3 de Julho, que a vida vale a pena:

«Trabalho e vivo com a mesma convicção e acho a vida preta de sentido, cheia de sentido apesar de tudo, embora já não me atreva a dizer uma coisa dessas em grupo. O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bolhas nos meus pés gastos e o jasmim atrás do quintal, as perseguições, as incontáveis violências gratuitas, tudo e tudo em mim é como se fosse uma forte unidade, e eu aceito tudo como uma unidade e começo a entender cada vez melhor, espontaneamente para mim, sem que ainda o consiga explicar a alguém, como é que as coisas são» (*Diário*, 3/7).

Décimo Caderno – De 3 a 29 de Julho de 1942

O texto iniciado a 3 de Julho, prolonga-se nas primeiras páginas do décimo caderno.

«É verdade», escreve, «ainda estou sentada à mesma secretária, mas é como se tivesse de pôr um ponto final em tudo aquilo que escrevi anteriormente e tenha de continuar num novo tom» (*Diário*, 3/7).

Esse novo tom é desenvolvido nas páginas seguintes. Etty alude, repetidamente, à morte, como um provável encontro que pode ocorrer a qualquer hora. Considera, racionaliza, no entanto, que a morte é algo que deve ser integrado na vida e, por isso, deve manter-se serena, entregue às suas actividades quotidianas:

«Quando eu souber, com toda a certeza, que irei morrer na próxima semana, ainda conseguirei estar sentada à minha secretária e estudar, em toda a paz de espírito, sem que isso seja um escape, e agora sei que a vida e a morte estão ligadas uma à outra com sentido profundo, que será um deslizar, mesmo que o fim, na sua forma exterior, seja triste ou horrível» (*Diário*, 6/7/1942).

Apesar de tudo, portanto, Etty continua a investir em si e está convicta de que o seu desenvolvimento continua a crescer, dia após dia, mesmo enfrentando a possibilidade de extermínio (cf. *Diário*, 3/7/1942). Recusa-se terminantemente, a contaminar a vida com receios que a reduzem a um «pedaço miserável e mutilado a que dificilmente se pode chamar de vida» (*Diário*, 3/7/1942).

O sentimento de estar reconciliada com a vida, na sua totalidade (a vida e morte, o céu e o inferno...), é recorrente neste penúltimo caderno. Perante a possibilidade de receber a carta de deportação, Etty escreve, uma e outra vez, sobre a sua gradual despedida quando, por exemplo, veste uma camisa lavada ou usa um sabonete perfumado (*Diário*, 4/7/1942); ou se preocupa com os livros que poderá levar consigo para o Campo – a Bíblia e o *Livro das Horas* e *As Cartas a um Jovem Poeta* de Reine M. Rilke (*Diário*, 7/7/1942; 11/7/1942).

O clima de alta tensão em que vive faz com que, na sua opinião, envelheça mais depressa (*Diário*, 3/7/1942). Talvez para não sucumbir a esse clima, refugia-se, agora mais do que nunca, num Deus que continuamente evoca e a quem, com uma frequência cada vez maior, se dirige. Refugia-se também nos autores preferidos, nas suas histórias e fantasias, nas personagens e contextos distantes, a tal ponto de se interrogar, no dia 7 de Julho:

«O que é que se passa realmente comigo? Nenhuma das preocupações e ameaças deste dia ficou agarrada a mim, estou aqui sentada à secretária tão “inalterada” recém-nascida, tão inteiramente disposta a estudar, como se nada se passasse neste mundo» (*Diário*, 7/7/1942).

Outros dias, porém, parece não ser capaz de escapar a essa realidade, e sente-se particularmente identificada com o «destino colectivo» que está a ser preparado para os da sua raça. Desabafa no dia 10 de Julho: «Um dia difícil, muito difícil. Um “*destino colectivo*” com o qual uma pessoa deve aprender a conviver, suprimindo todas as puerilidades pessoais». De seguida, critica aqueles que se querem pôr a salvo, negligenciando «a obrigação de saber que outro irá em seu lugar» (*Diário*, 10/7/1942).

Já anteriormente tinha manifestado o desejo de proteger as classes mais jovens e indefesas (*Diário*, 6 e 9 /7/1942). E, quando desafiada a pôr-se em segurança pelos amigos, discorre sobre o tema, refutando essa possibilidade:

«Não é fundamental ser eu ou outro a ir, não é? O principal é, sim, haver tantos milhares obrigados a ir [...]. Já não se trata de escapar a uma certa situação, custe o que custar, mas, sim, como uma pessoa se comporta e continua a sua vida em qualquer situação» (*Diário*, 11/7)

Apesar desta relutância em não querer pôr-se a salvo, no dia 14 de Julho, Etty dá conta de uma carta com um pedido de emprego para si, no Conselho Judaico, escrita pelo irmão, Jaap. A reacção inicial foi de repúdio, classificando a iniciativa do irmão como um acto indigno. Volta a criticar aqueles que se acotovelam para se salvarem, empurrando outros para a morte por “afogamento”. Poucos dias depois, no entanto, a 15 de Julho, é admitida no Conselho Judaico como dactilógrafa. No dia 16 do mesmo mês, dirigindo-se a Deus, escreve:

«Afinal tens outros planos para mim, Deus? Devo aceitar isto? Mas continuo pronta. Amanhã desço ao inferno, preciso de descansar muito para aguentar o trabalho lá».

O trabalho é aceite. Mas dentro de si há um conflito: Etty parece ter dificuldade em lidar com a culpa que a situação de privilegiada acarreta e, por isso, defende-se recorrendo à racionalização. Faz um propósito que apenas confia ao Diário: «Mais tarde vou ter de fazer muito boas acções para outras pessoas, a fim de compensar tudo isto» (*Diário*, 16/1942). No Conselho Judaico, num ambiente a «meio termo entre o inferno e um manicómio» (*Diário*, 21/7/1942), Etty passa o dia a preencher formulários à máquina, um trabalho que considera «estúpido e sem sentido» (*Diário*, 27/7/1942). Volta e meia, nos curtos intervalos, apesar do alarido geral do bater das máquinas e das pessoas em altos gritos, recolhe-se na leitura de Rilke. Surgem tensões entre ela e as colegas. Descreve-as. Queixa-se delas, ao mesmo tempo que se sente privilegiada porque, não fosse o trabalho, já não estaria em Amesterdão, junto daqueles que ama. Mas a sensação de fazer algo «sombrio, lúgubre, desconsolador e indigno» (*Diário*, 27/7/1942) reclamava uma revolta. Para piorar, o trabalho impede-a de escrever quando, na realidade, deseja «escrever por dias e dias» (*Diário*, 27/7/1942).

Etty apaga-se a 29 de Julho e reaparece a 15 de Setembro. Os biógrafos referem que, por sua iniciativa, a 30 de Julho, foi transferida para Westerbork⁶, onde permanece até meados de Setembro. Durante o tempo como membro do Conselho Judaico, trabalhou no Departamento de *Serviços de Ajuda às Pessoas em Trânsito*. As Cartas que chegaram até nós, oferecem-nos a imagem de uma Etty mais preocupada com as situações concretas das pessoas à sua volta. Nelas é possível entrever esse mundo cruel onde continuamente chegavam

⁶ O conhecido campo de trânsito de Westerbork era um local para onde os judeus eram enviados e obrigados a trabalhar e a viver antes de serem transportados para os campos de concentração e extermínio. Segundo C. Flinders (2006, p. 71), no início de Julho, chegavam ao campo aproximadamente 4 000 por semana. Anne Frank também esteve, já depois da morte de Etty, de passagem neste campo a caminho de Berben-Belsen, onde viria a morrer.

homens e mulheres de todas as idades; homem e mulheres que, quase semanalmente, também partiam num comboio de gado com destino à Polónia.

Em Setembro, como membro do Conselho Judaico, obtive licença para regressar a Amesterdão, onde permaneceu. Encontrava-se gravemente debilitada e tinha notícias que o seu amigo, Spier, se encontrava às portas da morte.

Décimo primeiro Caderno: De 15 Setembro a 13 de Outubro de 1942

As primeiras palavras com que abre o último caderno são, por si, significativas:

«Tudo junto afinal é capaz de ter sido um pouco de mais, meu Deus. Agora sou lembrada que uma pessoa também tem um corpo. Pensei que o meu espírito e o meu coração seriam capazes de aguentar tudo, mas agora o meu corpo apresenta-se e diz: “basta”» (*Diário*, 15/9/1942).

Fora de Westerbork durante algumas semanas, visita os pais em Denver e, finalmente, regressa a Amesterdão, onde é acompanhada por um médico que lhe aconselha repouso. Etty mostra-se impaciente. Quer recuperar rapidamente a saúde para voltar ao Campo. Quer ser o «coração pensante dos barracões» (*Diário*, 15/9/1942) mas é impedida pela situação frágil em que se encontra.

É nesta cidade que retoma o Diário. No último caderno que chegou até nós⁷ Etty faz longas referências às suas primeiras experiências em Westerbork. Apesar de exausta, Etty, dirigindo-se a Deus, manifesta-se profundamente agradecida por participar nos acontecimentos, por ter podido experienciá-los até ao limite, sem abdicar dos seus valores. Reconhece que o tempo passado por detrás do arame farpado foi o mais intenso da sua vida. E Deus torna-se, definitivamente, o interlocutor privilegiado, o «novo-amante», o “objecto idealizado e securizante” que ela procura em si mesma e em cada pessoa que encontra:

«Conversar contigo, meu Deus. Isto está certo? Postas as pessoas de lado, só sinto necessidade de conversar contigo. Gosto imenso das pessoas, porque em cada um amo

⁷ Não sabemos se, na última fase da sua vida, de Outubro de 1942 a Setembro de 1943, em Westerbork e Auschwitz, manteve o Diário, o que é bem possível.

um pedaço de ti, meu Deus. E procuro-te por toda a parte nas pessoas e, muitas vezes, acho um bocadinho de ti. E tento desenterrar-te nos corações dos outros, meu Deus».

Graças à consolidação dessa nova relação, Etty ganha força para enfrentar o destino trágico que o futuro lhe reservava. Considerava ser detentora de uma «carga preciosa», «uma pátria», um «pedaço de eternidade» que ninguém poderia roubar. Esse «mais» em si aproximou-a dos outros. Colocou-a ao serviço das vítimas, onde foi «bálsamos para muitas feridas» (*Diário*, 13/10/1942).

Spier morre a 15 de Setembro de 1942 (no dia em que Etty chega a Amesterdão). No dia 16 do mesmo mês, feitas as exéquias, Etty escreve um longo texto em forma de elogio fúnebre, à 1h00 da manhã, uma homenagem ao homem que ela considerava o «mediador de Deus», aquele que a tinha despertado, o «parteiro da sua alma». Após a morte, sendo impossível estar com ele, da mesma forma (física e real), surge uma nova forma de relacionamento, através das memórias do falecido como se ele continuasse vivo, agora em espírito. Experimenta, por isso, «uma alegria estranha» ante a conclusão deste «processo de espiritualização». Agora, nem as fotos de um corpo que já não existe fazem falta. Ele estava introjectado e permanece vivo em si:

«Agora são duas da manhã. Está tudo muito em silêncio na casa. Preciso de te contar [Spier] uma coisa estranha, mas penso que hás-de compreender. Está ali um retrato teu na parede. Eu gostava de o rasgar e de o deitar fora, e ficaria com a sensação de assim estar mais perto de ti [...] E gostaria de deitar todos os teus retratos fora e nunca mais olhar para eles, tudo isso ainda é demasiada matéria. Quero continuar a trazer-te comigo sem nome e hei-de transmitir-te num único gesto novo e delicado, que anteriormente eu ainda não conhecia» (*Diário*, 16/9/1942).

A última anotação é de Outubro de 1942. Pelo facto de ser funcionária do Conselho Judaico, Etty pôde permanecer mais tempo em Amesterdão. Regressou a Westerbork a 20 de Novembro mas logo, sem saúde, voltou a Amesterdão passadas duas semanas. A 5 de Junho de 1943, regressa definitivamente a Westerbork. Daí em diante, já não faz parte do Conselho Judaico. Pouco depois, 7 de Setembro será enviada para Auschwitz onde, segundo a Cruz Vermelha, veio a falecer a 30 de Novembro de 1943.

3 – MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA EM ETTY

Centremos a nossa reflexão no ponto-chave deste estudo: como é que poderemos compreender o discurso gradualmente marcado por tons optimistas e cheios de esperança, quando o mundo em que a autora vive apresenta sinais de morte? Que explicação poderemos encontrar para que o elemento espiritual cresça à medida que as privações aumentam? Referimo-nos não apenas aos constrangimentos materiais – as privações de alimento, de água, de movimentos – mas também aos afectivos, tais como a perda de amigos, inclusive a morte do «parteiro espiritual», o terapeuta Julius Spier, e a constante ameaça de morte. Quais foram as motivações internas de ETTY? É certo que a experiência de sofrimento intenso que alguém, em circunstâncias semelhantes, vivencia não pode ser traduzida em palavras e dificilmente poderá ser compreendida por alguém que, como nós, nunca viveu uma situação idêntica. A experiência subjectiva da vítima estará sempre para além de tudo o que possa ser dito sobre o assunto. No entanto, neste capítulo, e à luz de pressupostos teóricos da psicanálise, procuraremos algumas pistas que nos permitam aproximarmo-nos das razões que moveram ETTY. Sem termos a pretensão de apresentar uma perspectiva única sobre o tema julgamos, no entanto, pertinente a reflexão que se segue.

1. Sublimação

A «pulsão sexual», segundo Freud, «põe à disposição do trabalho cultural uma quantidade extraordinariamente grande de forças, e isto graças à particularidade, especialmente acentuada nela, de poder deslocar o seu alvo sem, no essencial, perder nada da sua intensidade. Chama-se a esta capacidade de mudar o alvo sexual para outro alvo, que já não é sexual mas é psiquicamente aparentado com ele, capacidade de sublimação» (Freud citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 249).

Retendo alguns elementos deste enunciado, verificamos que, no processo sublimatório, a energia libidinal encontra uma descarga num alvo dessexualizado. Dito de outro modo, a quantidade de energia (Q) na sublimação é desviada para um fim socialmente valorizado, permitindo assim a circulação de energia onde o recalçamento apenas a bloqueava, favorecendo o aparecimento de sintomas neuróticos. Poderíamos dizer que, no caso da nossa autora, existe de facto, como veremos, uma sublimação da energia libidinal na construção de uma neo-realidade. No entanto, o conteúdo desse “novo mundo” não tinha

aceitação por parte dos seus semelhantes. Lembremo-nos que Etty especulava sobre temas como o amor, Deus, a beleza do mundo, entre outros, num ambiente marcado pelo ódio e pelo horrível. Então, como compreender a existência de um novo alvo que, apesar de não ser aceite socialmente, é o espaço de satisfação ou, para usar uma expressão freudiana, de descarga da pulsão sexual?

Partindo do pressuposto, segundo Freud, que «toda a sublimação se produz por intermédio do Ego que começa por transformar a libido de objecto sexual em libido narcísica para lhe atribuir em seguida, eventualmente, outro alvo» (Freud, citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 254), podemos admitir que esse outro alvo é fortemente condicionado por uma nova variável: as instâncias ideais do Ego (o Superego e o ideal de Ego). O novo alvo dessexualizado não é fruto de uma escolha aleatória, mas investido pela libido narcísica quando compatível com as exigências ou aspirações das instâncias ideais internalizadas. É claro que o investimento em novos alvos só é possível porque a libido narcísica sublimada é susceptível de derivação e de deslocamento, é plástica e deslocável, favorecendo conseqüentemente a criação e consolidação de novos laços libidinais, onde encontra a satisfação, a descarga.

Na perspectiva pulsional, encontramos a origem das instâncias ideais na sobrevalorização das figuras parentais numa fase de desenvolvimento da criança. A perfeição com que o objecto é experienciado, sendo alvo de um sobre-investimento libidinal, potencia a formação do Superego e do ideal de Ego. O objecto sobre-investido numa fase precoce é precursor das instâncias ideais. A materialização deste ideal a partir da figura concreta de um objecto, a figura parental, favorece, por um lado, o deslocamento da energia pulsional através do processo sublimatório, meio através do qual o Ego procura corresponder às exigências destas instâncias ideais e, ao mesmo tempo, manter um vínculo de protecção.

Importa ainda referir que, segundo Freud, «no estado amoroso, uma certa quantidade de libido narcísica transborda para o objecto» (cf. Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 522-523). Mas a relação entre os dois – libido narcísica e objecto idealizado – pode sofrer um destino diverso: o Ego pode encontrar razões para se amar a si mesmo, fundindo-se com o objecto idealizado ou, simplesmente, despojar-se, sacrificar-se por causa da valorização excessiva do objecto. No primeiro caso, há um enriquecimento do Ego pela introjecção do objecto; no segundo, o objecto permanece fora do Ego, é colocado como um “ideal de Ego” assumindo assim a função crítica e reguladora da vida do sujeito. As instâncias ideais,

exteriores ao Ego, assumem um papel “todopoderoso” na vida do sujeito (Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 253).

1.1 «Torna-me teu instrumento, faz-me escrever»

Em Etty encontramos uma ideia recorrente, quase obsessiva: ela quer ser escritora. Deseja escrever uma novela e até lhe dá um título - «*A rapariga que não conseguia ajoelhar-se*» (*Diário*, 21/9/1941). Sonha com o dia em que há-de assumir o papel de cronista das vicissitudes do presente e, por isso, confessa «forjarei uma nova linguagem em mim e guardá-la-ei se não tiver a oportunidade de escrever alguma coisa» (*Diário*, 28/7/1942). Como confirmação desse sonho, é significativo que tenha deixado os Diários a uma amiga a fim de serem publicados.

Como já vimos no capítulo anterior, Etty auto-censura-se quando não consegue escrever nada de substancial (cf. *Diário*, 25/9/1941) e anseia por se imortalizar através da escrita (cf. *Diário*, 19/7/1942). Mas confronta-se com o seu fracasso, como que esmagada por um Superego exigente e severo: «É sempre o mesmo: uma pessoa gostava de escrever imediatamente algo especial e “extraordinário”, uma pessoa fica embaraçada com as suas próprias ninharias» (*Diário*, 30/9/1942). Apesar de tudo, a escrita prossegue como se de uma missão divina se tratasse: «se tenho um dever a sério nesta vida, nestes tempos que correm, nesta fase da minha vida, então ele é o seguinte: escrever, anotar, reter». (*Diário*, 30/9/1942)

Se, no modelo pulsional, a criação é resultado da deslocação da energia libidinal para um alvo dessexualizado, essa forma sublime de realização contém, por si só, marcas da “natureza da energia libidinal”. Escrever, em Etty, é uma forma de elevação da pulsão sexual, um modo de garantir a satisfação da pulsão de vida que contrasta com os vários sinais que, à sua volta e dentro de si, são expressão da “pulsão de morte”. Curiosamente, a associação entre a escrita e o “prazer sexual” surge já na abertura do Diário, no dia 9 de Março de 1941. Etty manifesta-se renitente em se expor num conjunto de linhas brancas ao mesmo tempo que deseja escrever e reconhece em si capacidade para tal - «intellectualmente sou tão versada que consigo sondar tudo, formular as coisas nitidamente [...], no entanto, é como se lá bem no fundo houvesse uma maranha, algo a prender-me». A «inibição», a «falta de coragem para fazer revelações, deixar que as coisas saiam cá para fora livremente» afigura-se-lhe comparável à dificuldade que retém «o grito libertador» aquando das relações sexuais. E

prossegue: «eroticamente sou refinada, e quase diria suficientemente experiente para figurar entre o número das boas amantes...».

Apesar das possíveis semelhanças, julgamos não haver, pelo menos na fase inicial do *Diário*, a intervenção do mecanismo de formação substitutiva, em que o prazer sexual é substituído pelo prazer da escrita. Etty mantém-se sexualmente activa, mas serve-se da metáfora sobre as nuances da actividade sexual para exprimir as dificuldades – medo, inibição, insegurança – que escrever acarreta. No entanto, a associação entre as duas actividades (prazer sexual e prazer na escrita) é, por si, significativa. Fica a impressão que em ambas as áreas a vida realiza-se, ela é possível, apesar dos inúmeros sinais a confirmar que ela está gravemente ameaçada de morte.

A pulsão de morte é também contida pela pulsão de vida manifestada na procura persistente em manter-se fiel às instâncias ideais aquando da realização “feliz” do conflito entre impulsos contrários. Como exemplo, no dia 21 de Novembro de 1941, Etty escreve: «...nos últimos tempos ando cheia de impulso criador». O tema enunciado, “*escrever*”, desvanece-se rapidamente sem qualquer desenvolvimento dando lugar a outro tema mais premente: Etty descreve em tons de auto-censura recorrendo a racionalismos atenuantes de uma angústia intensa, a cíclica compulsão para comer em demasia. No dia seguinte, ainda pela manhã, como que renovando o compromisso de fidelidade ao ideal de si, escreve o seguinte:

«Eu espero, e ao mesmo tempo receio, que chegue a altura na minha vida em que estarei completamente a sós e com um pedaço de papel. Que não faça outra coisa senão escrever. Ainda não me atrevo a isso. Não sei por que motivo» (*Diário*, 22/11/1941).

A afirmação espelha uma ambivalência – «eu espero e receio» – resultante do conflito vida *versus* morte. A escrita assegura-lhe a realização da pulsão de vida, mas não a livra de conviver com os sinais da pulsão de morte, vindos do interior (compulsão para comer, por exemplo) e do exterior (a crescente ameaça). À intenção manifesta de encontrar a satisfação de um modo exclusivo nesse novo alimento – a escrita – e a conseqüente tentativa de atenuar a força dos impulsos mais básicos através de um processo sublimatório, alia-se um outro, o da denegação – «não sei por que motivo». O conteúdo latente poderia ser o seguinte: «Eu sei por que motivo receio a altura em que estarei a sós com um pedaço de papel. O contexto à minha

volta, o ideal com o qual procuro identificar-me, poder-me-á obrigar a viver assim. Atrevo-me a escrever apesar da dificuldade em lidar com os temas incómodos que surgem espontaneamente. Mas gostaria de fazer outra coisa para além de escrever».

Em resumo, parece-nos evidente que a criação artística, a escrita de Etty, resultado da transformação da energia libidinal, foi bem sucedida. A sublimação como defesa foi eficaz e útil na medida em que lhe propiciou um espaço de vida, de liberdade, de sentido, negado pela realidade mas em conformidade com as suas instâncias ideais. A obra de Etty, actualmente consagrada como um marco na literatura mundial do século XX, faz-nos lembrar a afirmação de Anzieu (1992) segundo o qual as grandes obras são criadas a partir do excesso. As condições de produção do texto - a “situação extrema” e a “bagagem” assimilada ao longo da vida - proporcionou-lhe os condimentos necessários donde brotou uma escrita límpida e rica, um conteúdo surpreendente, um testemunho um tanto desconcertante.

2. Identificação e denegação

Etty movimenta-se no mundo da literatura. Lê sofregamente autores como Rilke, Tolstói, Lermonov, S. Agostinho e Dostoievski, que traduz com afã, sem esquecer a Bíblia, citada com crescente regularidade à medida que o fim se aproxima. O mundo da literatura com os seus espaços belos e controlados, com personagens míticas de histórias cujo final pode ser antecipado ou esquecido, proporciona-lhe a materialização, por um lado, do “ideal de Ego” e, por outro, a possibilidade de um alvo “dessexualizado” através do qual a satisfação é possível sem a censura do Superego. O universo literário é o “entre-parêntesis” aberto pelas pulsões e fechado pela realidade - «o Ego é uma pobre criatura que está submetida a três espécies de servidão e, por isso mesmo, ameaçado por três espécies de perigos, o mundo exterior, o Id e a severidade do Superego» (Freud, citado por Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p. 320). É nesse entre-parêntesis, controlado pelo Superego, que Etty se tenta situar, num equilíbrio nem sempre conseguido.

Mais ainda: os já mencionados autores deste universo onde a vida é possível, são pequenos deuses que ela venera, com zelo e devoção, e com os quais se procura identificar. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, a identificação é uma actividade do Ego que, em certas circunstâncias, pode actuar com fins defensivos. Os já referidos estudos de

Klein & Kogan (1986) evidenciaram o recurso à identificação com o objecto idealizado aliado, por vezes, ao mecanismo de denegação, como forma recorrente dos sujeitos fazerem face às “situações extremas”. Identificação e denegação são dois passos de um mesmo processo: a defesa de uma realidade intolerável. Em Etty, estes dois passos estão presentes como se deduz em vários textos nos quais há referência explícita a autores como Dostoiévski e Rilke. A propósito da sua eminente partida para Westerbork, por exemplo, ao pensar na pequena mochila que lhe é permitida levar para o Campo de Concentração, Etty faz uma selecção rigorosa das coisas absolutamente indispensáveis. E lembra que: «Dostoiévski passou quatro anos em desterro na Sibéria tendo a Bíblia por única leitura».

Leva a Bíblia e outros dois livros de Rilke – o *Livro das Horas* e *Cartas a um Jovem Poeta*. Na verdade Rilke é, entre os vários autores, aquele que ela mais cita, aquele com o qual se identifica ao ponto de dizer, durante a leitura de *Cartas sobre Deus*: «Cada palavra tem um significado forte para mim, podia ter escrito isso eu própria, se eu as tivesse escrito tê-las-ia escrito assim e não de outra forma» (*Diário*, 3/10/1942).

A influência de Rilke na vida de Etty é particularmente evidente nas páginas finais do Diário. Ela mantém-no agarrado a si – mesmo quando trabalha em condições extremas, escrevendo «milhares de cartas à máquina», das 10h00 da manhã às 19hh00, nos serviços do Conselho Judaico (cf. *Diário*, 20/7/1942; 25/7/1942) – como se de uma tábua de salvação se tratasse. Ele oferece-lhe as palavras para uma outra realidade «o mundo interno» (*Diário*, 15/9/1942) e, por tudo isso, considera-o «o grande educador do último ano» (*Diário*, 26/9/1942). No dia em que faz a última anotação no Diário, a 13 de Outubro de 1943, há uma referência significativa à quase “*com-fusão*” entre Etty e Rilke. Vejamos o texto:

«Trago sempre o Rilke à baila. É tão estranho, ele era um homem frágil e escreveu muita da sua obra dentro dos muros de castelos hospitaleiros e talvez tivesse ficado completamente destruído em circunstâncias como aquelas em que vivemos actualmente. Mas não demonstrará boa economia que, em épocas tranquilas e em circunstâncias favoráveis, artistas sensíveis possam procurar livremente as formas mais belas e adequadas para as suas convicções mais profundas, que dão às pessoas em épocas mais agitadas e extenuantes um apoio e um abrigo para confusões e perguntas que ainda não tomaram uma forma e uma solução próprias, porque as energias diárias são reclamadas pelas aflições diárias? Em tempos difíceis, por vezes

as pessoas têm o costume de, com um gesto desprezível, deitar fora as conquistas espirituais de artistas das chamadas épocas fáceis (ser artista em si mesmo já é bastante difícil, não é?), com o acrescento: “Para que é que isso nos serve?”» (*Diário*, 13/10/1942).

A identificação com Rilke é evidente: ambos são frágeis fisicamente; ambos viveram detrás de altos muros, reais ou imaginários; ambos propuseram as suas ideias num contexto cuja mentalidade predominante menosprezava; ambos, no entanto, permaneceram determinados na procura de formas belas e adequadas para expressar as suas convicções mais profundas.

A identificação com Rilke, objecto idealizado, fonte de segurança é, por vezes, suportada por um outro mecanismo defensivo, a denegação que, em termos gerais, é entendido como não reconhecimento de pensamentos e desejos que, de forma espontânea, são formulados. É deveras significativa, por exemplo, a expressão «tão real», «muito real» utilizada nos dois textos que se seguem. Escritas em dias diferentes, ambas estão associadas a Rilke e aos acontecimentos que a rodeiam. Vejamos:

«E um poema de Rilke é tão real e importante como um jovem que se atira de um avião, quero deixar-te isso bem assente. Tudo isto existe por sua vez neste mundo e não devemos negar uma coisa em detrimento da outra. E agora vai dormir» (*Diário*, 13/8/1941).

O conteúdo latente desta afirmação poderia ser o seguinte: «de facto, Rilke é um objecto bem interiorizado («realmente») e idealizado («importante») com o qual eu me procuro identificar como forma de escapar ao terror, à queda no buraco sem fundo que esta situação representa («um jovem que se atira do avião»). Prefiro nem pensar nisso («quero deixar-te isso bem assente») e o melhor é tentar fazer de conta que essa realidade não existe («não devemos negar...»), mas não consigo deixar de pensar nela («agora vai dormir»).

Rilke e tudo o que ele representa, é uma espécie de «chão» sobre o qual Etty caminha. Para J. Grotstein (1991/1999), só é possível evitar a queda no “buraco negro” do Nada quando estão consolidadas um conjunto de vivências que garantem a presença de um «fundo de identificação primária». Segundo o autor, esta expressão «é um compósito que inclui os dotes heredo-constitucionais, o ambiente sustentador, a tradição, a vizinhança, a cultura, a

espiritualidade, e especialmente, o sentimento de ser lançado no mundo com a bênção da especialidade e da significação de forma a resistir à turbulência da separação progressiva» (*op. cit.*, p. 134). Rilke e “Deus”, como veremos também, são esses “objectos” que melhor concentram, em Etty, os vários factores referidos por Grotstein, aqueles que, em última análise, lhe garantiram «essa bênção da especialidade», graças à identificação com eles.

Poucos dias depois, voltamos a encontrar uma afirmação semelhante:

«A realidade para mim não é verdadeiramente real e por isso não consigo passar às acções, uma vez que não entendo o peso e o alcance delas. Uma só linha de Rilke é para mim algo mais real do que uma mudança de casa por exemplo, ou algo assim. Devo mas é continuar o resto da vida sentada à secretária. Porém, também não quero crer que eu seja uma idiota sonhadora» (*Diário*, 5/9/1942).

O conteúdo latente, possivelmente, poderia ser o seguinte: «o que se passa à minha volta infelizmente é muito real e eu poderia fazer alguma coisa pois até sei como o fazer. Pensar no desalojamento contínuo a que as pessoas são forçadas é tão doloroso que prefiro ficar a ler Rilke, mas gostaria que tudo isso acabasse para que eu não tivesse de estar presa à secretária para sempre. Sei que dizem que eu sou uma “idiota sonhadora” e até lhes dou razão».

Como nos recorda N. McWilliams (1994/2005), o emprego recorrente da (de)negação é típico de um “estado maníaco” que, em casos extremos, leva o sujeito a perder a noção dos seus limites físicos, prescindindo do sono, por exemplo, negligenciando a saúde e não temendo a morte como se estivesse imune a ela. Diz a autora que os sujeitos cuja principal defesa é a denegação são maníacos a nível caracteriológico e neles se observa a alternância entre estados de espírito maníaco e estados depressivos. Em certos casos, em determinadas fases da vida do sujeito, este mecanismo torna-se inevitavelmente insuficiente. Então, quando a defesa colapsa, a realidade negada motiva a depressão. Em Etty constatamos essas variações de humor associadas à denegação. Vejamos mais um exemplo. Para facilitar a análise, o texto será dividido em três partes.

[1ª parte] «Ontem à noite, caminhando pelo nevoeiro, outra vez aquela breve sensação de: “alcancei os limites, para ser franca, *já vi tudo o que tinha a ver*, já vivi de tudo na vida, porque é que continuo a viver, sinceramente? Já conheço tudo, não posso ir mais

longe do que já fui, os limites tornaram-se demasiado apertados e para além deles a única coisa que resta, para falar a verdade, [2ª parte] é o asilo de loucos”. Ou a morte? Mas tão longe não cheguei a pensar. O melhor remédio para isto: estudar um enfadonho pedaço de gramática ou ir dormir. A única realização para mim nesta vida: perder-me num pedaço de prosa, num poema, que devo conquistar-me a mim mesma à custa de sangue, palavra a palavra. [3ª parte] Para mim um homem não é o essencial» (*Diário*, 5/12/1941).

Em termos gerais, o texto evidencia um sentimento de sofrimento intenso, de desamparo, de desistência face uma realidade, externa e interna, duplamente insustentável e recorrente («outra vez»). Na 1ª parte, Etty faz eco das consequências pessoais dos crescentes sinais de perseguição, das inúmeras privações que tornam a vida quotidiana num pequeno inferno (o acesso aos alimentos, aos lugares públicos ou, simplesmente, a proibição de usar bicicleta e eléctrico...); internamente, pela tomada de consciência da indesejada gravidez, pela ausência do amor do objecto desejado, Spier, a frustração que isso acarreta, expressa na denegação: «Para mim um homem não é essencial» – 3ª Parte. O modo como sobejamente recorre ao tema “Spier”, as “milhentas” vezes em que ele é nomeado, permite-nos deduzir que ele era algo de “essencial” numa relação cuja natureza dá sinais, uma e outra vez, de estar marcada pelo paradoxo entre desejo e o interdito. Etty discorre por páginas várias, dias a fio, sobre se deveria ou não ser de um homem apenas: umas vezes manifesta desejo de estar com ele, de ser dele, em exclusivo; outras vezes, mais como reacção pela falta de compromisso de Spier, afirma que não é uma mulher para um só homem. Na 2ª parte, como um *intermezzo* e, Etty tenta antever um resultado, procurando soluções para o conflito (realidade externa e pressão interna): «um asilo?», «a morte?». A denegação («não cheguei a pensar...») sublinha ainda mais a força latente desse sentimento penoso. Como alívio ao pesadelo, procura uma saída feliz: “perder-se” no estudo enfadonho de uma gramática, no mundo da prosa, dos poemas, das palavras ou, em alternativa, a retirada através de um dormir sem sono.

Como outros tantos textos, o de 29 de Maio de 1942 deixa transparecer a denegação e o efeito da mesma no humor da jovem escritora: «não posso igualmente dizer de mim própria como antigamente: “sou tão infeliz, não sei mais o que fazer”». Não estará a dizer, simplesmente, que “eu continuo tão infeliz como antigamente e não sei o que fazer?”. Prossegue o texto recorrendo à racionalização, meio através do qual justifica a diferença de um “antes” e um “agora”. Continua:

«Por vezes é quase impossível aceitar e entender, Deus, o que as tuas imagens e semelhanças, neste mundo andam a fazer umas às outras nestes tempos de excessos. Contudo, não é por causa disso que me fecho no meu quarto, Deus, eu enfrento tudo e não quero fugir de nada e, quanto aos maiores crimes, tento entendê-los e analisá-los um pouco (...). Eu não estou para aqui instalada num quarto sossegado com flores, mergulhada em poetas e pensadores e louvando a Deus, isso seria bastante fácil; e também não creio ser tão “ingénua” como os meus bons amigos dizem de mim, enternecidos. Cada pessoa tem a sua realidade própria, eu sei, porém não sou nenhuma fantasista sonhadora, Deus, nem uma “alma bela”, ainda um tanto adolescente (...). Eu encaro o teu mundo olhos nos olhos, Deus, e não me refugio da realidade em sonhos belos – estou convencida de que há espaço para sonhos formosos, em paralelo à realidade mais cruel – e, apesar de tudo, continuo a louvar a tua criação, Deus!» (Diário, 29/5/1942).

As privações a que esteve sujeita e os excessos cometidos por um estado “maníaco” afectavam-lhe o estado de saúde. Vemo-la engolir «meio quilo de aspirina por mês» e muito dada a longas sestas (cf. de Janeiro de 1942). Encontramos várias referências a um sentimento de mal-estar, de dores de estômago, de cabeça, de cansaço generalizado. O estado de saúde agrava-se após uma temporada em Westerbork.

De regresso a Amesterdão, onde retoma o Diário, no dia 15 de Setembro de 1942, descreve uma passagem pelo médico que lhe recomendou descanso absoluto. Ela reconhece estar «muito tonta» e, por isso, faz o propósito de «dormir dias a fio e largar tudo no meu espírito». Faz eco das palavras do médico: «tenho uma vida demasiado intensa, que vivo mais nas nuvens do que na terra e já estou quase às portas do céu, e o meu físico não consegue aguentar isso tudo». Ety expõe as mazelas físicas, «as pernas bambas», o estonteamento contínuo, mas, mesmo assim, é-lhe difícil permanecer deitada, inactiva. Escreve longas páginas durante esse tempo. Nelas expressa a impaciência por ainda não estar em Westerbork. Deseja regressar ao Campo de Concentração, apesar de reconhecer a fragilidade como demonstram as passagens que se seguem: «Creio que afinal estou um pouco doente dos pés à cabeça, enjaulada numa couraça de fraqueza e tontura» (Diário, 2/10/1942); «neste momento, este falar constante com os meus amigos não é bom para mim. Fico gasta até à medula» (Diário, 4/10/1942); «agora estou doente, não há nada a fazer. Mais tarde hei-de lá reunir

todas as lágrimas e terrores. Na realidade é o que já vou fazendo aqui na cama. Se calhar é por isso que estou tão tonta e febril, não é?» (*Diário*, 8/10/1942).

2.1 A vida é bela?

Há um refrão, repetido com crescente intensidade à medida que o *Diário* se aproxima do seu termo, no qual Etty manifesta um profundo entusiasmo pela vida, considerando-a “bela” e “cheia de sentido”. Vejamos alguns exemplos. Numa quarta, 22 de Fevereiro de 1942, refere-se a uma ida obrigatória à Gestapo com se fosse algo de somenos importância e, por duas vezes, num curto espaço, encontramos a mesma expressão: «a única coisa que há é uma grande confiança e gratidão por a vida ser tão bela (...) a vida é bela e cheia de possibilidades». Poucos dias depois, a 12 de Março, no final de um dia em que reencontra o antigo namorado, escreve: «a vida é muito bela, apesar de tudo é muito bela». Posteriormente, a 29 de Junho, como conclusão ao comentário à notícia da BBC em que se dava conta dos 700 000 judeus já mortos, escreve: «E no entanto, Deus, não acho a vida desprovida de significado (...). De uma ou de outra forma, já sei tudo. E todavia, acho esta vida bela e cheia de sentido. De minuto a minuto». Passam mais uns dias e Etty tem necessidade de voltar a dizer, como reacção às notícias, «acho que a vida é muito bela e que vale a pena ser vivida, e que tem sentido apesar de tudo» (*Diário*, 2/7/1942). Como se ainda não estivesse suficientemente segura do que afirma, como se ainda precisasse de se auto-convencer, dois dias mais tarde, após ter dissertado sobre a «nossa destruição, a nossa desgraçada destruição, que já principiou com as muitas pequenas coisas do dia-a-dia (...) vamos ser aniquilados...» (*Diário*, 3/7/1942), volta a escrever: «não estou só cansada ou triste ou receosa, mas estou-o com milhões de outros de muitos séculos e faz parte da vida, e ainda assim a vida é bela e também recheada de sentido. Até na absurdeza é rica em sentido...» (*Diário*, 4/7/1942). O refrão surge mais algumas vezes. O último texto que chegou até nós de Etty, escrito num postal, lançado pela janela de um vagão do comboio com destino a Auschwitz, onde viria a morrer, a 30 de Novembro de 1943, deixa transparecer esse entusiasmo sem aparente razão: «deixámos o campo a cantar, o pai e a mãe firmes e calmos, tal como Mischa. Viajaremos durante três dias...» (*Cartas*, 7/9/1943). Um ano antes, no entanto, ela parece duvidar da veracidade do conteúdo do refrão, considera-o até estranho:

«Sim, meu Deus, sou-te muito fiel, para o que der e vier, e não vou deixar-me ir abaixo e continuo a acreditar no sentido profunda desta vida e sei como devo continuar a viver e há tantas certezas dentro de mim e... E, isto vai parecer-te incompreensível, mas acho a vida tão bela e sinto-me tão feliz. Não é isso estranho? Também nunca me atreveria a dizer isto a alguém por estas palavras» (*Diário*, 20/7/1942).

Talvez, bem no fundo de si, Etty reconhecesse que a afirmação não correspondia ao que realmente experienciava. Algo de “estranho” se insinua. Dentro de si, como um retorno do recalado, uma incerteza afigura-se à consciência, mas mantém-na à distância, isolada. O conteúdo recalado, porém, procura o seu caminho, exprime-se de outras formas – o desalento, a somatização. E para além do conteúdo manifesto, deduz-se certamente outra mensagem: uma vida assim é feia, triste e sem sentido, pensou, mas nunca se atreveu a transformar tal suspeita em palavras. Fazê-lo seria antecipar a morte.

3. Idealização e identificação: Deus para quê?

O objecto idealizado com o qual Etty procura segurança e novo sentido para a vida, através da identificação, não se reduz a Rilke. Já vimos que, por repetidas vezes, Etty tenta acalmar o seu desassossego, os seus quase súbitos desânimos invocando o nome de Deus. Etty não reza para que Deus sustenha as bombas, que extermine os inimigos ou que, simplesmente, a livre da situação de terror que a rodeia. A súplica é surpreendentemente diferente. Invoca-o, como defesa, para que seja capaz, por exemplo, de resistir às investidas de Spier e para que seja capaz de controlar o desejo sexual que ele lhe desperta (cf. *Diário*, 19/3/1941; 24/3/1941); invoca-o para que possa assimilar o que se passa à sua volta e encontrar novo sentido – «[a questão do sentido da vida] é um assunto que cada um deve decidir consigo e com Deus» (cf. *Diário*, 14/6/1941). Quando Deus é posto em causa, surgem as angustiantes interrogações, o mal-estar e «o bizarro desassossego» (cf. *Diário*, 4/7/1941). Por isso, reafirma uma e outra vez, «creio em Deus».

Apesar de não oferecer uma imagem uniforme de Deus, a ideia predominante é de um Ser também ele privado de poder. Não é, portanto, um Deus todo-poderoso, mas fragilizado, impotente, ao qual não se devem pedir explicações pelo que ocorre, mas sim disponibilizar-se

para lhas dar: «Não é Deus que nos deve explicações, mas nós a ele», escreve (*Diário*, 29/7/1942). Na perspectiva da autora, Deus precisa de ajuda. Por isso, adota como princípio, «ajudar a Deus» (*Diário*, 11/7/1942). Este propósito, repetido algumas vezes, sugere-nos que a vítima torna-se defensora de Deus, como se deduz do texto da oração de Domingo, 12 de Julho de 1942:

«São tempos temerosos, meu Deus. Esta noite, pela primeira vez, passei-a deitada no escuro de olhos abertos e a arder, e muitas imagens do sofrimento humano desfilavam perante mim. Vou prometer-te uma coisa, Deus, só uma ninharia: não irei sobrecarregar o dia de hoje com igual número de preocupações em relação ao futuro, mas isso custa um certo exercício. Cada dia já tem a sua conta. Vou ajudar-te, Deus, a não me abandonares, apesar de eu não poder garantir nada com antecedência. Mas torna-se-me cada vez mais claro o seguinte: que tu não nos podes ajudar, que nós é que temos de te ajudar, e, ajudando-te, ajudamo-nos a nós próprios».

A relação gradualmente intensa que estabelece com Deus, por outro lado, sugere-nos que ele surge como substituto de Spier, isto é, Deus é o novo amante, o confidente, aquele no qual é investida a energia libidinal. Curiosamente, já nas primeiras páginas do *Diário*, Ety afirmava desejar que alguém [Spier] a tomasse pela mão e a orientasse. Posteriormente, encontramos várias referências às mãos de Spier (as mãos eram, na arte da quirologia, objecto de estudo), também com um sentido erótico - «as mãos enormes» que acariciam (*Diário*, 24/3/1941) e que se encontram, quando passeavam juntos, diz a escritora, a «mão dele achava constantemente a minha enquanto íamos andando, e elas sentiam-se tão bem juntas!» (*Diário*, 4/7/1942). Essa imagem de alguém que a segura pela mão será recorrente na relação com Deus, projectando nele a imagem de um amante perfeito e próximo que, não obstante a impotência para alterar o curso da história, pode oferecer um suporte, a garantia de um sossego interno, um acalmar do conflito entre desejos contraditórios. Por outro lado, ela compromete-se a ser uma amante perfeita. Vejamos um texto:

«Ontem à noite, de bicicleta pela fria e escura rua Lairesse, desejava poder repetir o que então murmurei em voz baixa: «Deus, pega-me pela mão, acompanhar-te-ei bem-comportadamente, sem muita resistência. Não me desviarei de nada do que nesta vida

vier de encontro a mim, tentarei integrar tudo em mim com as minhas melhores forças. Mas dá-me de vez em quando um momento de sossego (*Diário*, 25/11/1941).

Esse “casamento” com Deus permite-lhe fazer face aos acontecimentos, defendendo-se das ameaças exteriores, mantendo-se isolada da realidade: «não sinto que esteja nas garras de ninguém, só sinto estar nos braços de Deus» (*Diário*, 11/7/1942). Deus é algo de muito profundo em si mesma (objecto introjectado idealizado) ao qual Etty acede «submergindo-se», «desenterrando as pedras e o cascalho no poço» (*Diário*, 26/8/1941) ou, simplesmente, regressando a um «quarto interior» que ela constrói gradualmente para, em segurança, poder descansar (cf. *Diário*, 5/7/1942). Reflectindo sobre a natureza desse Deus, escreve:

«Talvez sejam estas as palavras que melhor exprimem o meu sentimento de vida: descanso dentro de mim. E *esse mim* própria, esse mais profundo e mais precioso em mim no qual descanso, a isso chamo “Deus”» (*Diário*, 17/9/1942).

Uma vez identificada e protegida por Deus, Etty torna-se seu instrumento. Acredita ter uma missão divina, considera-se sua «eleita», a escolhida para «arcar com tudo» (*Diário*, 19/7/1942), e manifesta-se grata por Deus ter escolhido o seu coração (cf. *Diário*, 15/9/1942), grata e também «quase orgulhosa por Deus não a privar dos últimos e maiores enigmas» (*Diário*, 24/9/1942). A nova missão é expressa de várias maneiras, em dias diferentes. Consiste fundamentalmente em ajudar a descobrir Deus no coração dos homens, ajudar os homens a desenterrar Deus dentro de si, levá-los a ter consciência do “pedaço de Deus” que há em cada um (cf. *Diário*, 15/9/1942; 17/9/1942, entre outros).

3.1 Deus, seio bom

A relação com o objecto ideal, Deus, em Etty, sugere-nos como explicação, entre outras possíveis, o modelo kleiniano das relações de objecto. Klein e seus seguidores postulam a existência de um Ego, logo após o nascimento de uma criança, «capaz de experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objecto primitivas na fantasia e na realidade» (Segal, 1973/1975, p. 36). Sob o impacto do instinto de morte e da ansiedade intolerável, o Ego é clivado projectando, em parte, para fora de si, para um objecto

externo, o seio, a agressividade, as partes más. Por outro lado, estabelece uma relação com o objecto ideal, o seio bom, cuja génese seriam as experiências gratificantes vivenciadas desde o nascimento. O Ego investe libidinalmente nele, o bom seio, que coexiste com o outro, o persecutório. A necessidade do Ego em se manter próximo, alimentado, gratificado, identificado com o seio bom advém, não apenas de uma necessidade de conforto, de nutrição, de amor, mas também de segurança, isto é, manter-se protegido das investidas do seio mau (identificação projectiva). Segal (*op. cit.*, p. 39) afirma que o «objectivo do bebé é tentar adquirir, manter dentro e identificar-se com o objecto ideal, que ele vê como algo que lhe dá vida e como algo protector, bem como manter fora o objecto mau e aquelas partes do eu (self) que contêm o instinto de morte». Assim, em síntese, numa fase bastante anterior ao Édipo, o Ego defende-se de objectos persecutórios recorrendo a mecanismos defensivos como a projecção, a negação, a identificação e a idealização.

Na nossa perspectiva, partindo destes pressupostos, parece-nos que o Deus de Etty se assemelha ao «seio bom» que lhe garante a possibilidade de prolongar a vida, mantendo-se gratificada e protegida das investidas do «seio mau», da sua constelação de sentimentos negativos: o ódio, o medo, a insegurança, a angústia, o desassossego, o sem sentido. Sustentada e identificada por esse «Outro sem rosto», benigno e omnipresente, em Etty intuímos uma luta feroz a nível interno para não se deixar contaminar pelas partes más de um «seio mau», expresso no ódio dos agressores e das vítimas que, motivados pelo desespero, reagem agressivamente. Intuímos também a luta interna para preservar Deus, «seio bom», das inquietações legítimas daqueles que, naquele contexto, se interrogavam pela bondade, pelo poder, pelo amor desse Deus – «não é Deus que nos deve explicações», escreve como reacção. Pôr em causa a bondade de Deus é admitir a possibilidade de ele estar também contaminado pelo «mau seio» e, conseqüentemente, perder o “chão” que a sustém.

A tentativa de manter distante esse lado mau e feio do mundo, supõe o recurso ao mecanismo da negação. A necessidade de repetir, como se de um *mantra* se tratasse, «a vida é bela» sugere-nos, não apenas o seu oposto – a vida é horrível – mas também a desesperante necessidade de acreditar na possibilidade de uma outra vida, prolongação da bondade do seio bom e idealizado, lugar da ausência total de tensões. Tal mundo só é possível, pela negação de partes da realidade externa e interna, pela idealização de um objecto/seio com o qual procura identificar-se. Finalmente, o sentimento de fusão com o objecto idealizado proporciona-lhe um sentido de onipotência que se traduz, não apenas na tentativa de negação de partes de um objecto mau, mas também na ideia de «ajudar Deus». A este propósito, escreve Rosenfeld

(1983), «no inconsciente, este processo é equivalente à aniquilação de todo o relacionamento objectal perturbador, de maneira que é claro que envolve a negação não apenas do objecto mau, mas também de uma parte importante do Ego, que está em relacionamento com o objecto» (Rosenfeld, citado por Hinshelwood, 1991/1992, p. 26,). Etty, a «eleita de Deus», negando os seus limites, segue o seu próprio caminho, uma subida íngreme para o transcendente, uma gradual espiritualização, ao mesmo tempo que o mundo mergulha cada vez mais num inferno e tudo à sua volta mais parece um manicómio (cf. *Diário*, 25/7/1942).

CONCLUSÃO

O presente trabalho é o resultado da pesquisa e da leitura interpretativa do Diário de Etty Hillesum. Ao lermos uma história geral do pensamento, facilmente nos apercebemos de temas centrais que foram matéria de especulação ao longo dos séculos e, ainda hoje, constituem motivo de reflexão. Temas como o amor e o ódio, o destino do homem, o sentido da vida, o sofrimento, a morte, Deus, são tão inquietantes que a psicologia, como ciência que estuda a “alma” humana, não pode ficar indiferente. Sem ter a pretensão de dar resposta às interrogantes de todos os tempos, a psicologia pode, no entanto, estudar o modo como um sujeito as experiencia num determinado contexto histórico.

O Diário de Etty reflecte este conjunto de temáticas recorrentes. O ambiente de crescente tensão leva-a a registar, em vários cadernos de exercícios, o que o primeiro editor considera um longo processo de crescimento interior e de libertação pessoal que é um “*contra-cenário*” ao cenário de extermínio global que predominava em toda a Europa (cf. Gaarlandt 1983, p. IX). O Diário é o lugar do desabafo, do questionamento, da análise, do discurso que flui com uma sinceridade notória e, por isso, é revelador de um mundo interno susceptível de ser interpretado. O texto que Etty nos deixou não só representa um testemunho vivo de uma profunda auto-introspecção, mas também uma forma peculiar de se defender, de resistir, através da recriação contínua de um outro universo, à margem da realidade violenta que a rodeava.

Os objectivos que nos propusemos desde o início e a investigação realizada levou-nos, por diferentes caminhos, a recorrer à técnica de análise documental e de conteúdo como ferramentas privilegiadas para aceder às condições de produção do texto. Dito de outro modo, através desta técnica, procurámos fazer inferências sobre a fonte, isto é, sobre a origem do texto: quem foi?, que percurso fez?, como se defendeu?, são algumas das questões que se levantaram e para as quais procurámos respostas.

Recorremos a um quadro teórico de orientação estrutural-dinâmica, tendo como categorias de análise alguns pressupostos da psicanálise clássica sobre os mecanismos de defesa. Se as defesas são meios através dos quais o Ego procura, de algum modo, fazer face a todas as formas de perigos, internos e externos, que colocam em causa o “princípio da constância”, é fácil de perceber que, numa «situação extrema», essas defesas são ainda mais necessárias. Vimos, no entanto, que em certos casos, submetido à violência de um desgosto inominável, o sujeito perde a capacidade de auto-defesa, assumindo uma postura de

desistência, de morto-vivo. Vimos também que esta cedência à morte foi contrariada por homens e mulheres também eles comprometidos com situações limite. Estes encontraram em si um arsenal, ao qual recorreram para sobreviver. Através da reacção ao agressor, identificando-se com ele, ou através da identificação com objectos idealizados, negando, conseqüentemente, partes de si mesmo e da realidade, algumas vítimas agarraram-se à réstia de vida que lhes era concedida, não por bondade, mas por estratégia malévola do agressor.

No caso de Etty, podemos afirmar que a pressão a que esteve sujeita – seja pelo contexto externo, seja pela necessidade de resolver um conflito interno entre a pulsão e o interdito – potenciou a realização, através da sublimação, da actividade literária. O investimento da energia libidinal no mundo que ela recria, o novo alvo dessexualizado, sendo uma actividade autorizada pelo Superego, conteve a “pulsão de morte” e favoreceu a satisfação da “pulsão de vida”. Por outro lado, a possibilidade de escrever um discurso, sem condicionalismos, terá sido também um meio através do qual Etty procurou «superar o penoso, o difícil, o desarmonioso, o defeituoso e de colmatar as falhas, cicatrizar as feridas, fechar brechas, suturar falhas, processo que remete, falando do ponto de vista psicanalítico, para a procura da completude através do domínio dos objectos e da superação da castração» (Chasseguet-Smiergel, 1967/1971, citado por Carreiras, 2005, p. 320).

Constatámos também que, em Etty, há uma constante tendência para idealizar o objecto (Spier, Rilke, Deus, entre outros...) para depois se identificar com ele. Parece-nos que esta a idealização não é, como diria Freud, resultado de um processo que se desenvolve na relação com o narcisismo, o ideal do Ego, mas sim um mecanismo de defesa, associado à forma primária de clivagem que visa estabelecer uma relação securizante e exclusiva com o seio bom.

Não nos parece, porém, que a existência destes mecanismos defensivos mais primários seja, por si, revelador de uma estrutura de personalidade psicótica. Situações extremas justificam o recurso a mecanismos extremos e, como vimos no primeiro capítulo, também os sujeitos de estrutura neurótica recorrem a mecanismos defensivos próprios da psicose. Etty estava consciente da realidade – a impossibilidade da relação efectiva com Spier, bem como, sendo judia, do futuro que lhe estava reservado – mas, mesmo assim, ela tende a contornar – através do recalçamento, da racionalização, do isolamento, da sublimação, da denegação e da identificação com objectos idealizados – a insatisfatória realidade para assim escapar à frustração, ao absurdo. Os mecanismos defensivos na medida em que têm uma finalidade

adaptativa, possibilitaram a configuração de um modo de estar no mundo pouco comum, dado aos tons optimistas face a uma realidade destruidora.

Vimos ainda que na perspectiva kleiniana, a idealização é uma consequência do temor persecutório (perfeitamente justificado no caso de Etty), mas surge igualmente dos «desejos instintivos que aspiram a uma gratificação ilimitada e criam, assim, o quadro de um seio inesgotável e sempre generoso, um seio ideal» (Klein, 1975, citado por Fabião, 2007). Em Etty, o outro idealizado, Deus, em especial, é esse seio que, por um lado, gratifica e sustém, e, por outro, mantém o seio perseguidor distante e neutralizado.

Finalmente, o universo religioso, Deus, ofereceu-lhe um referencial de sentidos e de significados através dos quais os aspectos dolorosos, o absurdo da vida e até a castração suprema, a morte, foram relativizados. Neste sentido, Deus é a grande defesa.

Actualmente, Etty tornou-se um ícone da procura de autenticidade, da essência, do verdadeiramente humano em contraposição à multiplicação de objectos e acções inumanas. Tornou-se um símbolo de resistência e resiliência, de coragem e generosidade. Tal atitude só foi possível porque ela foi capaz de descobrir dentro de si um mundo bom, um princípio de eternidade ou, dito de outra forma, um seio seguro e gratificante, uma realidade interna que não só a protegeu, mas também a motivou a escrever e actuar como «bálsamo para muitas feridas» (*Diário*, 13/10/1942).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus

Hillesum, E. (1986/2002). *The letters and diaries of Etty Hillesum*. Cambridge, Ottawa: Novalis, William B. Eerdmans Publishing Company.

Estudos

Anzieu, D. (1992). Beckett: auto-analyse et creativite. *Revue Française de Psychanalyse*, 56, 357-370.

Baranger, W. (1981). *Posição de objecto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bardin, L. (1977/1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bastos, J. & Soczka, L. (1978). Análise estrutural-dinâmica de «Tarzan of the Apes» de Edgar Rice Burroughs – I. *Análise Psicológica*, 1(3), 51-72.

Bateman, A.; Holmes, E. J. (1997/1998). *Introdução à psicanálise. Teoria e prática contemporâneas*. Lisboa: Climepsi.

Bergeret, J. (1996/2000). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi.

Bettelheim, B. (1952/1979). *Survive*. Paris: Ed. Robert Laffort.

Bettelheim, B. (1975/1991). *Psicanálise dos contos de fadas* (4ª Ed.). Lisboa: Bertrand Editora.

Bion, W. R. (1962/2003). *A theory of thinking*. London Philadelphia: Whurr.

Boulanger, J.-J. (1972/2004). Perspectiva metapsicológica. In Bergeret, J. (dir) (1972/2004). *Psicologia patológica: Teoria e clínica* (2ª Ed.). Lisboa: Climepsi, pp. 55-96.

Brenner, C. (1957). The nature and development of the concept of repression in Freud's writings. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 12, 19-46.

Brenner, R. F. (1997). *Writing as Resistance: Four women confronting the holocaust: Edith Stein, Simone Weil, Anne Frank, Etty Hillesum*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.

Carreiras, M. A.T. C. (2005). *Da criação e da morte: peregrinação pela obra de Paul Celan* [Texto Policopiado]. Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Chabert, C. (1997/2003). *O Rorschach na clínica do adulto. Interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi
- De Costa, D. (1996/1998). *Anne Frank and Etty Hillesum*. New Brunswick, New Jersey, London: Rutgers University Press.
- Evans, M. (2001). Gender and the literature of the holocaust: the diary of Etty Hillesum. *Women: a cultural review*, 12(3), 325-335.
- Fabião, C. (2007). *Narcisismo. Defesas primitivas e separação*. Lisboa: Climepsi.
- Flinders, C. L. (2006). *Enduring lives. Portraits of women and faith in action*. New York: Jeremy P. Tarcher/Penguin.
- Frankl, V. (2005). *Um psicólogo no campo de concentração*. Lisboa: Vega.
- Freeman, T. (1959). Aspects of defence in neurosis and psychosis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 40, 199-212.
- Freud, A. (1936/1966). *The Ego and the mechanisms of defence*. London: International Universities Press.
- Freud, A. (1965). *Normality and Pathology in Childhood*. New York: International Universities Press.
- Freud, S. (1893-1895/1969). *Estudo sobre a histeria*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2.
- Freud, S. (1901/2003). *Psicopatologia da vida quotidiana*. Lisboa: Relógio D'água.
- Freud, S. (1905/1969). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 8.
- Freud, S. (1914/1996). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud: 1914-1916. Janeiro: Imago, 14.
- Freud, S. (1915/1996). *Os instintos e suas vicissitudes*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud: 1914-1916. Rio de Janeiro: Imago, 14, p. 111-145.
- Freud, S. (1926/1969). *Inibição, Sintomas e Angustia*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 20, pp. 81-171.
- Gaarlandt, J. (1982/1994). Nota preliminar. In Hillesum, E. (2001). *El corazón pensante de los barracones*. Barcelona: Anthropos.
- Gaarlandt, J. (1983/1985). Introduction. In Hillesum, E. (1985). *An interrupted life. The diaries of Etty Hillesum: 1941-1943*. New York: Washington Square Press.

- Germain, S. (1999/2004). *Etty Hillesum. Uma vida*. Santander: Sal Terrae.
- Gilbert, M. (1986/2987). *The holocaust. The Jewish tragedy*. London: Fontana Press.
- González Faus, J. I. (2008). *Etty Hillesum: una vida que interpela*. Santander: Sal Terrae.
- Grotstein, J. (1991/1999). *Buraco negro*. Lisboa: Climepsi.
- Hinshelwood, R. (1991/1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jucovy, M. E. (1992). Psychoanalytic Contributions to Holocaust Studies. *International Journal of Psycho-Analysis*, 73, 267-283.
- Kernberg, O. (1984). *Severe personality disorders: psychotherapeutic strategies*. New Haven: Yale University.
- Kertész, I. (1975/2003). *Sem destino*. Lisboa: Ed. Presença.
- Kertész, I. (1997/2009). *Um outro. Crónica de uma metamorfose*. Lisboa: Ed. Presença.
- Kijak, M.; Funtowicz, S. (1982). The Syndrome of the Survivor of Extreme Situations—Definitions, Difficulties, Hypotheses. *International Review of Psycho-Analysis*, 9, 25-34.
- Klein, H. & Kogan, I. (1986). Identification processes and denial in the shadow of Nazim. *International Journal of Psycho-Analysis*, 67, 45-53.
- Klein, M. (1961/1976). *Narrativa da análise de uma criança*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kogan, I. (1988) The second skin. *The International Journal of Psychoanalysis*, 15(2), 251-260.
- Kogan, I. (1989). The search for the self. *The International Journal of Psychoanalysis*, 70(4), 661-671.
- Kogan, I. (1995). Love and the heritage of the past. *International Journal of Psychoanalysis*, 76, 20p.
- Kogan, I. (2003). On being a dead, beloved child. *The Psychoanalytic Quarterly*, 72(3), 727-766.
- Kohut, H. (1971/1988). Sobre a coragem. In Idem, (1971/1988). *Psicologia do Self e a cultura humana*. Porto Alegre: Artes Gráficas.
- Krystal, H. (1984). Generations of the Holocaust (Review of: Edited by Martin S. Bergmann and Milton E. Jucovy, 1982, New York: Basic Books) *Psychoanalytic Quarterly*, 53, 466-474.

- Krystal, H. (1985). Trauma and the Stimulus Barrier. *Psychoanalytic Inquiry*, 5 (1), 31p.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (1967/1970). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes Ed.
- Lasch, C. (1984/1986). *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Ed. Brasiliense, SA.
- Lebeau, P. (1999/2000). *Etty Hillesum: un intenerario spiritual. Amesterdan 1941 – Auschwitz 1943*. Santander: Sal Terrae.
- Levi, P. (1958/2002). *Se isto é um homem*. Lisboa: Teorema.
- Levin, N. (1968/1977). *O holocausto – o extermínio dos judeus da Europa, 1933-1945*. Porto: Ed. Inova.
- Lorenzer, A. (1968). Some observations on the latency of symptoms in patients suffering from persecution sequelae. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 316-319.
- Luzes, P. (1978). O mandarim no divã. *Análise Psicológica*, 1(3), 107-120.
- Malpique, C. (2007). *Fernando em Pessoa. Ensaio de reflexão psicanalítica*. Lisboa: Fenda.
- McWilliams, N. (1994/2005). *Diagnóstico psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- Mijolla, A. & Mijolla-Mellor, S. (1999/2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Neiman, A. (2000). Self examination, philosophical education and spirituality. *Journal of Philosophy of Education*, 34 (4), 571-590.
- Niederland, W. G. (1968). Clinical observations on the “survivor syndrome”. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49(2-3), 313-315
- Pytell, T. (2007). Extreme experience, psychological insight, and holocaust perception. Reflections on Bettelheim and Fankl. *Psychoanalytic Psychology*, 24, 4, 641-657.
- Ramzy, I. & Shevrin, H. (1976). The Nature of the Inference Process in Psychoanalytic Interpretation: A Critical Review of the Literature. *International Journal of Psycho-Analysis*, 57, 151-159.
- Rojas, C. (2009). *Memórias do meu cativo. Refém das FARC*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Sandler, J. & Freud, A. (1985). Discussions in the Hampstead index on “The Ego and the Mechanisms of Defence”: V. The Mechanisms of Defence, Part 2. *Bulletin of the Hampstead Clinic*, 4(4), 1981, 231-277.
- Sandler, J. with Freud, A. (1985) *The Analysis of Defense: The Ego and the Mechanisms of Defense Revisited*. New York: International University Press.

- Segal, H. (1964/1974). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Smelik, K. (2001). Introduction. In Hillesum, E. (1987/2002). *The Letters and Diaries of Etty Hillesum, 1941-1943. Complete and unabridged*. Cambridge, Ottawa: Novalis, William B. Eerdmans Publishing Company.
- Smith, L. (2005/2006). *Forgotten voices of the holocaust*. London: Ebury Press.
- Tec, N. (2003). *Resilience and courage*. New Haven & London: Yale University Press.
- Tolentino, J. (2008). A rapariga de Amesterdão. In Hillesum, E. (1986/2008). *Diário*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Vaillant, G. E. (1992). The historical origins and future potential of Sigmund Freud's concept of the mechanisms of defence. *International Review of Psycho-Analysis*, 19, 35-51.
- Vala, J. (1986). Análise de Conteúdo. In Silva, A. & Pinto, J. (Org.). *Metodologia das ciências sociais* (6ª Ed). Porto: Afrontamento, 101-128.
- Verolme, H. (2000). *The children of Belsen*. Fremantle, London: Politico's Publishing.
- Wallerstein, R. S. (1967). Panel on development and metapsychology of the defense organization of the ego. *Journal Am. Psychoanalysis Assoc.* 15, 130-149.
- Walton, H. (2005). Sex in the war: an aesthetics of resistance in the diaries of Etty Hillesum. *Theology & Sexuality*, 12(1), 51-61.
- Wangh, M. (1968). A psychogenetic factor in the recurrence of war. *International Journal of Psychoanalysis*, 49, 319-324.
- Whitehead, A. (2001). A still, small voice: letter-writing, testimony and the project of address in Etty Hillesum's letters from Westerbork. *Cultural Values*, 5(1), 79-96.
- Wiesel, E. (1958/2006). *Night*. New York: Hill and Wang.